

O tempo reencontrado

Elle me disait, en me montrant mes cahiers rongés comme le bois où l'insecte s'est mis: «C'est tout mité, regardez, c'est malheureux, voilà un bout de page qui n'est plus qu'une dentelle, et – l'examinant comme un tailleur – je ne crois pas que je pourrai la refaire, c'est perdu. C'est dommage, c'est peut-être vos plus belles idées. Comme on dit à Combray, il n'y a pas de fourreurs qui s'y connaissent aussi bien comme les mites. Elles se mettent toujours dans les meilleurs étoffes,»

Marcel Proust, *À la recherche du Temps perdu*.
Le Temps retrouvé, 2^{ème} partie, p. 213

Seco é o xisto, mas também ele se orvalha.
Anónimo, *À Sombra das Placas de Xisto em Flor*

Os factos podem ser o que se quiser.
Eis a lição do relativismo.
Manual do Bu Sab, Frank Herbert,
The whipping star

7.1. Um campo de mortos?

Por vezes, lendo alguns textos, mesmo recentes, sobre megalitismo, deparamo-nos com a imagem clássica de um campo de mortos, uma «paisagem» concebida apenas em função de espaços funerários e onde a vida seria como que um acidente inoportuno e, finalmente, indesejável. Sobre este espaço, os homens do IV e III milénios, imaginando um futuro risonho em que arqueólogos cheios de boas intenções recuperariam a verdadeira estrutura dos seus pensamentos, particularmente daqueles que nunca lhes tinham ocorrido formular, esculpiram uma paisagem própria, de forma a contrastar o seu mundo domesticado com o mundo abominavelmente selvagem que os rodeava.

Mas infelizmente, ao contrário dos gelos da Antárctica, que demasiado bem preservam os traços da passagem dos homens, as terras do granito e do xisto, e sobretudo os que nelas se foram instalando, pouco guardaram de um passado não necessariamente glorioso. É a paisagem, que hoje alguns a-historicistas crónicos persistem ainda em ver como significativa, pouco mais é, na verdade, que uma manta de retalhos de origens e cronologias muito diversas. Uma soma quase indestrinçável de ocupações sucessivas ou interrompidas desde que o primeiro camponês se fixou à terra e nela começou a deixar as marcas indeléveis que os recolectores raramente nos legaram.

A planície onde foram implantadas as três antas da Herdade de Santa Margarida prolonga-se para Oeste, numa área ligeiramente sobreelevada onde foram identificadas as antas do Barrocalinho. É portanto um espaço, apesar da sua pequena dimensão e aparente homogeneidade, ocupado por monumentos megalíticos que se inserem em estratégias de localização diversificadas.

Mas é efectivamente impressionante a disposição geométrica, triangular, que parece aplicar-se às três antas que temos vindo estudando. Porém, tal como escrevi em 2001, na monografia sobre STAM-2, as três antas só existem simultaneamente a partir da construção de STAM-3, tendo inicialmente existido apenas a segunda anta da numeração Leisner, STAM-2. A «paisagem» construída nem sempre foi a mesma.

Que contexto é então o das duas antas do III milénio?

Prospecções conduzidas em torno a STAM-1 revelaram traços de um povoamento calcólico disperso, mas indiscutível: pratos e taças de bordo espessado nas terras do grande fosso para onde foram atirados os esteios daquela anta. Mas na planície, entre STAM-2 e STAM-3, apenas surgiram materiais presumivelmente do Neolítico antigo, pedra polida, lamelas e geométricos (STAM-4, Gonçalves, 2001a, Mapa 2).

O povoamento do vizinho Castelo do Azinhalinho deixa, porém, entrever um elevado número de potenciais clientes para as antas já construídas ou a construir (STAM-2 e 3, núcleo da Comenda), e para *tholoi* (como Comenda 2b e eventualmente outros, por identificar).

O «campo de mortos» cartografado pelos Leisner era efectivamente um campo de vivos, de comunidades que representam localmente dois grandes tipos de vida, bem distintos, o das comunidades do IV milénio e o das que se distribuíram por todo o Centro e Sul de Portugal na primeira metade do III. Vivos que eles não quiseram, ou souberam, ver.

7.2. Arquitectura e cronologia

STAM-3 foi bem ou mal construída? A questão não é completamente idiota e bem poderia ser colocada também a propósito de outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

A propósito da Anta 1 da Herdade de Santa Margarida, tive oportunidade de escrever «Problemas que hoje discutimos sem polémica aparente, como a da importância da qualidade da cons-

trução ou dos acabamentos ou das estruturas de protecção, para definir a «boa época» de construção dos monumentos megalíticos, são na realidade terrivelmente subjectivos. Em todas as épocas históricas conhecidas se construíram simultaneamente estruturas de qualidade e estruturas más. Também aqui a morfologia dos monumentos foge ou pode fugir aos linearismos biológicos que, anos atrás, encantaram muitos «novos arqueólogos» (Gonçalves, 2001a, p. 194).

Se retomo o que escrevi, aliás há bem pouco tempo, é justamente pelo tipo de construção de STAM-3 justificar, à primeira vista, algumas reticências a propósito da qualidade e do rigor do «arquitecto».

Com efeito, o aspecto da Câmara de STAM-3, pelo menos tal como o descrevemos hoje, está longe dos belos e sólidos monumentos ortostáticos que conhecemos em Reguengos. Mas é certo que tal imagem negativa se deve sobretudo às reconstruções ou «restauros» da segunda metade do III milénio. A Câmara, construída em inícios do III milénio, pode ter sido muito mais sólida do que aparenta hoje. E o esteio E_{Cm-2}, na verdade o único que chegou até nós intacto (e que sobreviveu às destruições de 2000 da nossa era), é um excelente ortóstato, espesso, sólido e bem desbastado.

Parece assim inadequado falar de má construção, pelo menos de raiz, para STAM-3.

Na segunda metade do III milénio, ou o monumento se encontrava parcialmente desmoronado ou foi necessário abri-lo para nele depositar os indivíduos cujas deposições funerárias foram agora assinaladas como Cm-2, -3 e -4. Qualquer uma das situações exigia trabalhos de remoção, talvez de conservação e certamente de recomposição ou restauro das estruturas. Não me parece que estas acções tenham estado à altura da qualidade das construções anteriores e é mesmo muito provável que tivessem incidido em toda a área da Câmara e talvez, mas não é seguro, na junção Corredor - Câmara.

STAM-3 foi construída através de um processo conhecido em outros monumentos, particularmente do Alto Alentejo. O terreno deve ter sido desbastado e livre de vegetação (o que é apenas lógico, por imprescindível, uma vez de que nunca se encontraram traços de essa operação). Em seguida, o topo de um afloramento granítico foi aparado, de forma a que fosse permitida uma construção baseada na escavação de alvéolos ou fossos para implantação dos ortostatos da Câmara, mas também um apoio interno de alguns dos esteios, que se adossariam ao limite exterior do topo do afloramento desbastado.

Na sua primeira fase, a de construção e primeira utilização, existiria assim um monumento ortostático com uma técnica mista de implantação dos esteios da Câmara: os esteios E_{Cm-1} a -4 (inclusive), aproveitando o apoio do topo do afloramento; os esteios E_{Cm-5} a -7, firmemente implantados em alvéolos e apoiados por calços de pedra.

No Corredor, os esteios E_{CrE-1} e E_{CrD-1} estariam apenas poisados no solo aplanado, sem sequer terem sido calçados.

Um *tumulus* simples, de terra, cobriria o conjunto, não se tendo encontrado quaisquer traços que correspondessem a um *kerb*.

É muito provável que STAM-3 tenha estabilizado na sua arquitectura de origem durante toda a primeira metade do III milénio. Infelizmente, não se datam pedras como se data matéria orgânica, pelo que não é possível ter certezas, mas as contiguidades das três datações obtidas para a primeira fase são significativas.

Ao parâmetro mais recente do curtíssimo intervalo de tempo de Beta-166416 e -166422, «cola» o parâmetro mais antigo de Beta-166423, datação cujo intervalo de tempo se prolonga de 2870 até 2500 (todos os intervalos de tempo, como sempre quando não especificado, cal BC a 2 sigmas). Mesmo que a data real se encontrasse mais perto do parâmetro mais antigo que do mais recente, torna-se evidente haver uma sequência de deposições que, começada em fins do primeiro século, inícios do segundo, se prolonga pela primeira metade do III milénio.

Significativamente, entre o parâmetro mais recente desta primeira fase (2500 cal BC) e o mais antigo da fase seguinte (2310 cal BC) existem exactamente 190 anos. Se considerarmos que os parâmetros encerram a probabilidade de uma data, sem coincidirem com ela, uma vez que são apenas limites de probabilidade, percebemos com clareza o carácter significativo do vazio temporal referido.

Mas quando foi parcialmente destruído e reconstruído o monumento?

Metodologicamente, são duas questões distintas e como tal devem ser tratadas.

1. pela análise artefactual e pela datação Beta-166423, o fim da primeira fase de utilização do monumento não ultrapassa a primeira metade do III milénio;
2. a segunda fase de utilização teve lugar muito provavelmente mais de dois séculos depois, verificando-se assim um hiato cronológico apreciável;
3. mas uma análise dos registos tridimensionais referentes aos restos humanos (concretamente da altimetria) não evidencia aparentemente qualquer ruptura na utilização da Câmara (ver Gráfico 2);
4. idêntica análise, desta vez sobre a distribuição dos artefactos cerâmicos de acordo com a coordenada Z, evidencia a mesma realidade (ver Gráfico 3);
5. e se aplicarmos agora o mesmo critério de análise só aos parâmetros das diferentes categorias de artefactos (ver Gráfico 4), o resultado é idêntico.

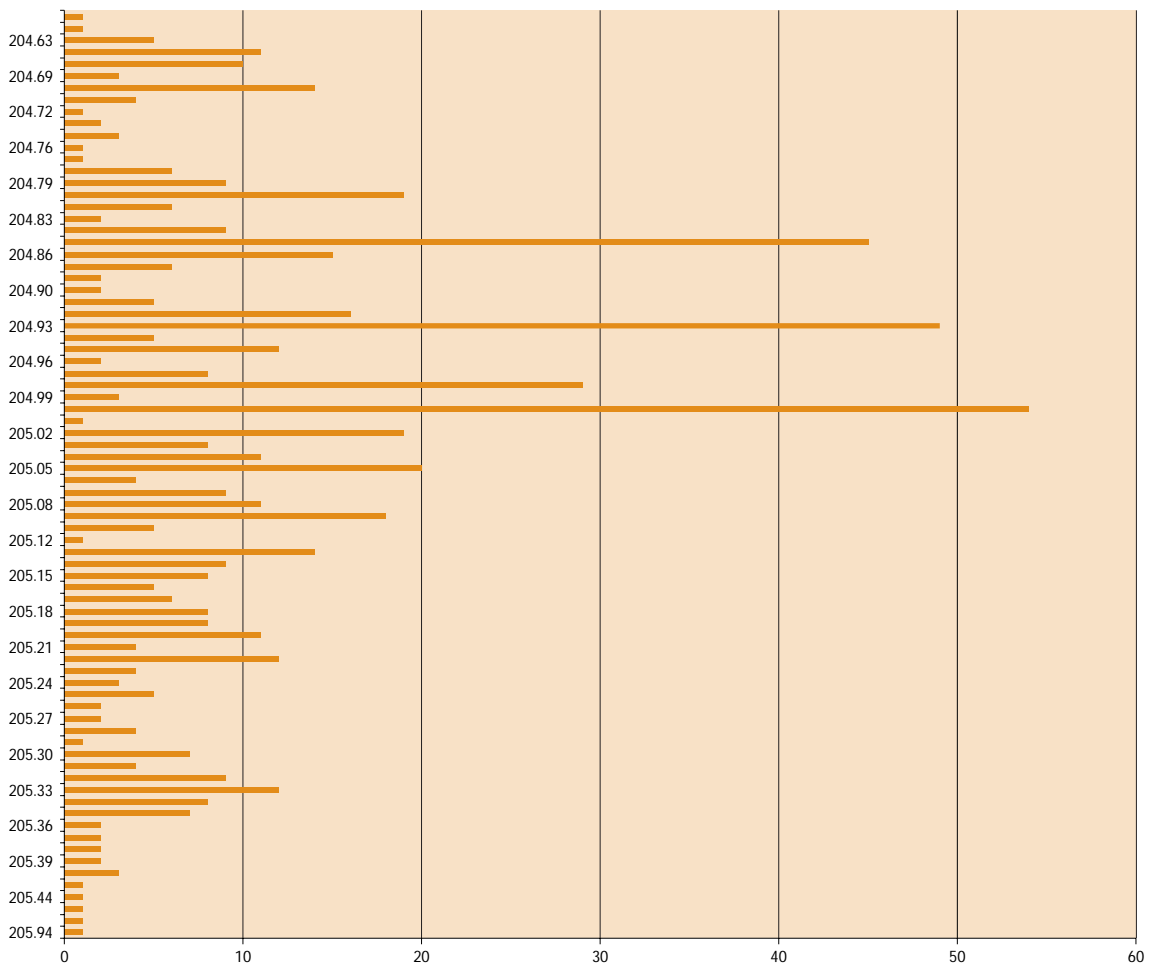


GRÁFICO 2 – Distribuição dos registos referentes a ossos humanos, de acordo com a coordenada Z (altimetria absoluta).

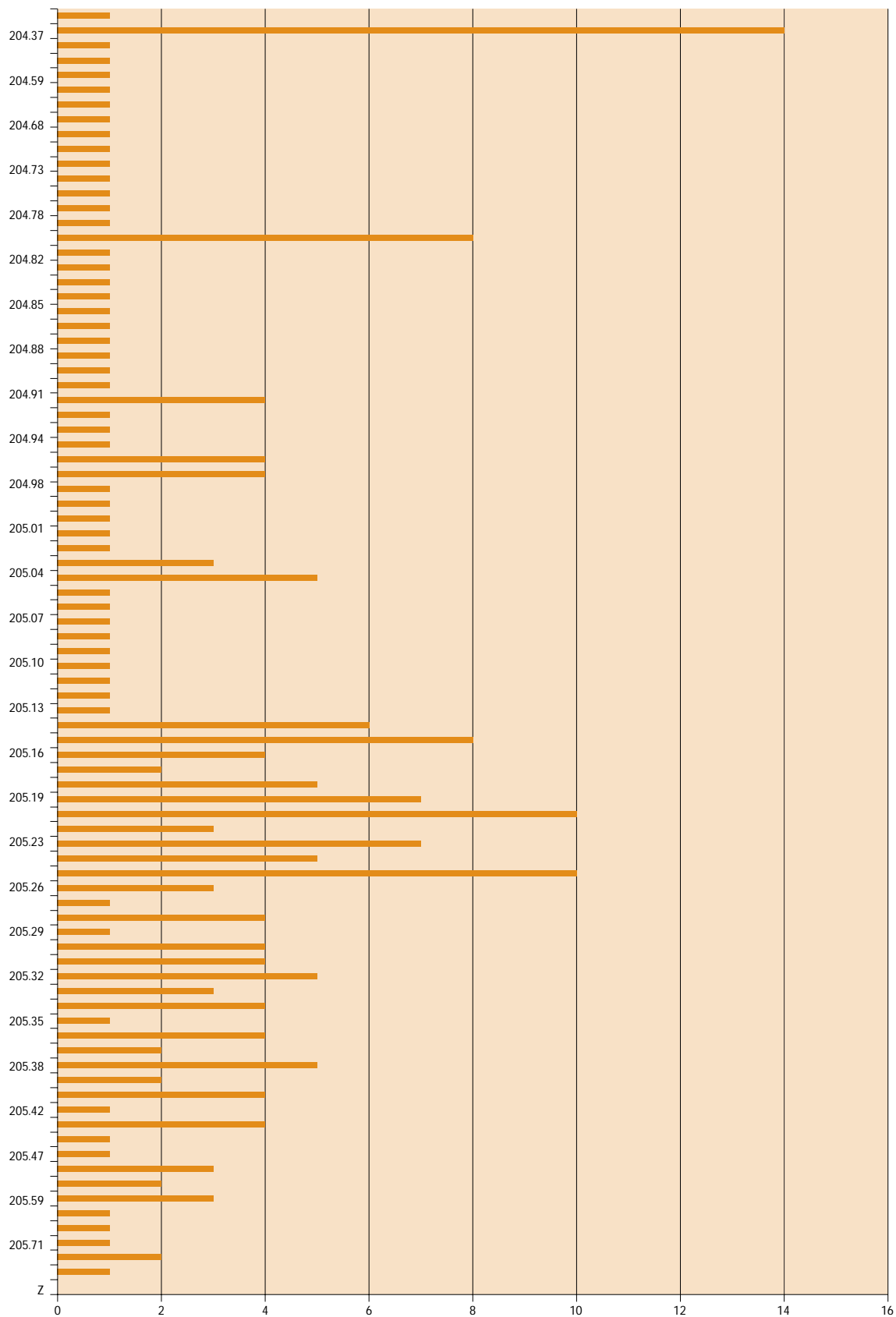


GRÁFICO 3 – Distribuição de artefactos e altimetrias na Câmara de STAM-3. Pelo carácter específico de que se revestem, excluíram-se as cerâmicas da fossa de J.8. Números reais do número de artefactos com Z registado por altimetria, correspondendo a contagens em planos reais.



GRÁFICO 4 – Categorias de artefactos e altimetrias na Câmara de STAM-3. Na coordenada Y, altimetrias reais, na X, as categorias. AAP: artefactos para adorno pessoal; CER: cerâmica; MP: matérias primas; PL: pedra lascada; SAG: placas de xisto gravadas. Pelo carácter específico de que se revestem, excluíram-se as cerâmicas da fossa de J.8. Números reais do número de artefactos com Z registado por altimetria, correspondendo a contagens em planos reais.

Temos portanto para resolver a seguinte questão: se não há continuidade nas deposições funerárias sob o ponto de vista da cronologia absoluta, porque se verifica ela então a nível da sequência deposicional?

Temos duas respostas, com implicações radicalmente distintas, como veremos:

1. as violações medievais eliminaram o hiato sedimentar entre a primeira e a segunda fase de uso do monumento;
2. concluída a primeira fase das deposições funerárias, o monumento permaneceu selado, provavelmente pelo derrube do chapéu. Foi este removido, bem como esteios eventualmente danificados, e reconstruído o monumento, nos últimos séculos do III milénio, logo antes de se proceder à deposição de Cm-4, Cm-2 e Cm-3, deposições quase simultâneas.

Para encontrarmos uma saída deste aparente labirinto de hipóteses explicativas, escorregadias como água sobre guta-percha, temos de recordar que os registos de escavação permitem concluir da localização central, na Câmara, das violações medievais. A própria existência de Cm-2 e Cm-3, num estado de (relativa) excelente conservação é um sério suporte a que, *sob a área de essas deposições, os sedimentos (e consequentemente os arqueofactos) não tivessem sido atingidos ou afectados por fenómenos recentes.*

Assim, se as deposições da primeira fase foram danificadas, foram-no durante o desenrolar das diversas cerimónias fúnebres que aí ocorreram. E o conjunto apenas foi afectado posteriormente (e de forma parcial, sobretudo no centro da Câmara) aquando das violações medievais.

A arquitectura de STAM-3 tem apenas duas fases e a reconstrução do monumento faz-se quase (ou pouco mais de) dois séculos após o seu abandono.

7.3. A fossa em J.8, um rito de fundação?

A fossa registada em J.8, junto a ECm-4, o esteio de cabeceira, com um diâmetro longitudinal de 1 m, transversal de 1,20 m e a profundidade média de 0,40 cm, estava, como já se disse, preenchida por uma massa irreconhecível de ossos, humanos ou de animal, é impossível dizer com certeza, sobreposta por um mínimo de cinco recipientes cerâmicos, quatro deles de consideráveis dimensões, um pequeno núcleo de basalto filoniano alterado, o todo coberto por 10 grandes blocos de granito. O maior dos recipientes, J.8-778 (+J.8-723) tinha um diâmetro externo na boca, reconstituído, de 26,4 cm. Três dos restantes oscilavam entre os 20 e os 22 cm e apenas um tinha 10,6.

Existem várias explicações possíveis para esta situação:

1. a fossa foi escavada no afloramento numa fase anterior à da construção da anta, nada tendo que ver com ela;
2. trata-se de um acidente na escavação do alvéolo original de ECm-4, tendo-se obtido uma estrutura negativa de dimensões muito superiores ao pretendido;
3. trata-se da escavação intencional de uma fossa no solo do monumento, com vista a alojar uma deposição funerária, eventualmente a primeira a ser efectuada na anta;
4. a fossa está incluída num ritual de fundação do monumento, tendo nela sido efectuada ou um enterramento ou, mais provavelmente, uma deposição ritual de animais e ainda oferendas contidas em vasos de grande dimensão (para o que é costume nos habitualmente depositados numa anta).

Analisemos os diversos cenários explicativos:

Primeiro cenário: fase anterior à da construção da anta

Possibilidade muito pouco provável, uma vez que o espólio cerâmico integra formas típicas do III milénio, contemporâneas da construção e primeiro uso do monumento. Por outro lado, não faria sentido escavar uma fossa isolada exactamente no topo de reduzidas dimensões de um afloramento granítico. Se o seu conteúdo fosse matéria orgânica, a sua durabilidade seria muito limitada naquelas condições de exposição aos elementos.

Segundo cenário: acidente na escavação do alvéolo original de ECm-4

Já escavei antas «mal» construídas (e até uma cuja construção não foi acabada, a Anta 2 da Cegonha, na área afectada pela Barragem do Alvito), mas é bom não exagerarmos. Tanto a gente do IV como a do III milénio sabia construir monumentos. Quando se enganava nas contas (caso da diferente altimetria do topo dos esteios do Corredor, em que assentariam as tampas), corrigia o erro com pedras de nivelamento. De qualquer forma, o granito poderia esboroar-se aquando da escavação do alvéolo de ECm-4, mas nunca ao ponto de ter produzido uma verdadeira pequena cratera.

Terceiro cenário: alojar uma deposição funerária, eventualmente a primeira a ser efectuada na anta

Se assim fosse, o que, em princípio, e em teoria, não é de todo improvável, não se compreende porque não haveria pelo menos uma placa de xisto gravada associada a este enterramento ou um qualquer artefacto de pedra lascada. O conjunto estava relativamente bem preservado e este e outros artefactos próprios da primeira fase de uso do monumento teriam ficado conservados na depressão, ainda para mais protegida pelo enchimento de pedras. Por outro lado, escavar uma sepultura dentro de uma sepultura é efectivamente pouco comum.

Quarto cenário: ritual de fundação do monumento, tendo nela sido efectuado ou um enterramento ou, mais provavelmente, uma deposição ritual de animais e oferendas contidas (ou não) em recipientes cerâmicos

Os rituais de fundação estão longe de ser desconhecidos nos povoados fortificados dos primeiros séculos do III milénio: Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) é disso exemplo nítido. Mas, muito mais perto de STAM-3, no Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), registou-se uma deposição de conchas marinhas (*Pecten*) sob a soleira da grande Torre Oca, no que é claramente um ritual de fundação (Gonçalves, 1988-89).

É, naturalmente, muito complexo avançar mais num domínio em que os factos são tão voláteis, mas enumero alguns argumentos que me fizeram perfilhar este último cenário, dos quatro possíveis:

1. o espólio recolhido na fossa é em absoluto homogéneo, não diversificado cronologicamente;
2. quatro dos cinco recipientes têm dimensões e volumetrias presumíveis que os aproximam muito mais de contentores do que de oferendas votivas, ainda que no III milénio não seja raro encontrar em antas ou *tholoi* recipientes de grandes dimensões (mas quase sempre de alturas baixas, tipo taça ou prato) e em outros pontos da Câmara de STAM-3 se tenham recolhido alguns poucos vasos de grandes dimensões, caso de J.8-147, por exemplo;
3. o quinto recipiente poderia ter contido água, no que as suas dimensões mais reduzidas poderiam ter explicação;
4. a própria localização da fossa tem claramente que ver com ECm-4, o esteio de cabeceira, quase sempre um ponto de partida para a construção dos monumentos de sete esteios e peça chave na simbólica de orientação do conjunto para a primeira luz;
5. a deposição de um corpo humano flectido não seria impossível num espaço com aquelas dimensões, mas então não sobriria lugar para os vasos, cujo volume tornaria incompatível a sua presença com uma deposição fúnebre.

De acordo com os dados disponíveis, é o quarto cenário o que considero de longe o mais provável, ainda que se justifique uma advertência e uma reserva.

Com efeito, se admitirmos uma oferenda ritual *dentro* dos vasos teremos de explicar o facto de eles não terem sido recolhidos inteiros, sendo de esperar que, se o não fossem, deveriam no mínimo estar quebrados *in situ*. Na verdade, parte da cerâmica recolhida dentro da fossa encontrava-se num estado de quase pulverização e pelo menos dois dos fragmentos recolhidos sofreram fogo intenso na superfície externa, a ponto de os componentes não plásticos mais frágeis se terem literalmente volatilizado (ver Fig. 142:1, Fig. 142:) produzindo naquela superfície um efeito quase similar ao registado em alguns cadinhos de fundição de cobre, o que indica que foram afectados por um fogo de elevada temperatura. Foram assim as áreas dos vasos cerâmicos que sofreram o efeito de esta autêntica «recozedura» que melhor sobreviveram à acidez desenvolvida pela acumulação de águas infiltradas na fossa.

Poderia também contrapor-se que os fragmentos cerâmicos poderiam ter migrado de uma área superior à fossa e terem-se infiltrado nela. Mas não esqueçamos que eles estavam *sob* as pedras que enchiam a fossa. Cabe também aqui sublinhar os componentes não plásticos comuns aos cinco vasos. É certo que o quartzo e as micas são idênticos aos que foram incluídos nos outros recipientes cerâmicos recolhidos na anta, mas a presença em número muito elevado de quartzo hialino é um elemento que os liga a todos cinco, por tão raro ser com esta abundância nos restantes vasos, em que está presente.

Em trabalhos muito recentes, ainda inéditos, Leonardo García Sanjuán encontrou, também junto a um esteio de cabeceira, no *tholos* Palacio 3, no sul de Espanha (Almadén de la Plata, Sevilha), uma fossa de fundação, igualmente cheia de pedras, mas sem qualquer espólio no interior. Talvez neste caso apenas tivessem sido colocados bens perecíveis na estrutura, o que não impede estarmos, muito provavelmente, perante um caso de significado similar ao de STAM-3.

7.4. Os ritos funerários

Os restos humanos recolhidos em STAM-3, estudados pela equipa de Eugénia Cunha, dizem respeito a uma realidade que cobre presumivelmente quase 700 anos, a primeira metade do III milénio e os últimos séculos da segunda metade, mais propriamente. Mas não podem ser estudados sob o ponto de vista arqueológico, em termos de Pré-História, sem que sejam separados de acordo com as referências cronológico-contextuais. Estas referem-se, como se disse, nitidamente aos primeiros séculos do milénio, num grupo específico, e noutra, aos dois últimos séculos.

A primeira realidade agrupa-se sob designações várias, *Calcolítico inicial*, *sociedades camponesas de segunda fase* ou *sociedades arqueometalúrgicas*, em todas circunstâncias conectáveis com a implantação e os resultados da Revolução dos Produtos Secundários no Ocidente peninsular.

A segunda realidade tem que ver com um dos contextos pior conhecidos na fachada atlântica da Península Ibérica, ou, mais adequadamente, no Centro e Sul de Portugal: as comunidades do fim do Calcolítico, imediatamente anteriores ao advento das sociedades, igualmente muito mal conhecidas, da Idade do Bronze Antigo.

A propósito de STAM-2, tive oportunidade de observar «De entre a pedra lascada, salientam-se, como se escreveu, fragmentos interpretáveis como restos de talhe e outros que configuram lascagens de blocos de quartzo, algum leitoso, comum na região, mas que dificilmente teriam trabalho humano, e outros de sílex. No entanto, o facto de serem provenientes do interior do monumento poderia ter que ver ou com fenómenos pós-deposicionais ou com o facto de terem sido trazidos para o interior com terra destinada a cobrir os corpos. Mas na verdade não temos qualquer informação se Santa Margarida 2 foi utilizada para deposições simples ou para inumações com recobrimento dos cadáveres com terra, o que justificaria a segunda hipótese (...)» e, sobretudo, «...a presença nos sedimentos da Câmara de Santa Margarida 2 de restos de talhe e de várias lascas de quartzo poderia sustentar, ainda que muito fragilmente, a hipótese do enterramento. Mas só registos minuciosos da escavação das Câmaras de outros monumentos megalíticos poderão separar o trigo do joio, neste caso restos de artefactos, subprodutos de talhe e lascas ocasionais, transportados para o interior dos monumentos com a terra usada para cobrir os mortos, daqueles que efectivamente, e traduzindo actos simbólicos, os acompanhariam no além túmulo ou manifestariam a veneração dos vivos para com quem já não existia no mundo real.» (Gonçalves, 2001a, p. 146, 171).

STAM-3 forneceu um número relativamente elevado de objectos líticos resultantes de operações de talhe, alguns reaproveitados posteriormente para actividades como furar ou raspar. Só da Câmara são provenientes oito núcleos, lascas e artefactos nucleiformes e 52 restos de talhe, fragmentos de matérias primas e restos variados, raros em contextos funerários. A análise minuciosa de estes objectos, e de alguns artefactos claramente não votivos recolhidos no interior da Câmara de STAM-3, levanta de novo a situação que creio ter enunciado pela primeira vez a propósito de STAM-2.

Quanto à deposição dos mortos nas antas, perdura a forte imagem que os Leisner deixaram a propósito de Poço da Gateira 1, em que eles teriam sido colocados sentados, com as cos-

tas apoiadas contra a parede interna dos ortóstatos. Sobrevivência aliás de um processo deposicional que, no Neolítico antigo, tinha sido registado já no séc. XIX para Los Murciélagos, com uma poderosa imagem gráfica. E as imagens grandes têm sombras compatíveis, quero dizer: muito maiores que a realidade.

No que se refere a Poço da Gateira 1, cujas dimensões de Câmara (3,0 x 2,0 m) são aliás inferiores às presumidas para a primeira construção de STAM-3 (2,90 m, na longitudinal, por 3,00 m, transversal), a descrição é impressionante: «A concentração de um espólio tão rico num espaço relativamente limitado, o afastamento dos vasos da parede da câmara, a posição dos machados junto dos vasos 9 e 10 e ainda o achado dos ossos acima descrito permitem deduzir que os cadáveres estavam de cócoras entre os vasos e a parede. O facto de o número dos machados e das enxós encontrados no sector sul da câmara ser quase igual (10 machados, 1 cunha, 11 enxós, 1 goiva), sendo pouco mais ou menos o dos vasos, e ainda de haver várias provas de as dádivas ao morto terem sido 1 vaso, um machado e uma enxó (inumação dos vasos 6 e 9, inumação no corredor) leva a supor que o número das inumações tivesse correspondido ali ao número dos vasos. Em virtude do pouco espaço disponível, as inumações tiveram de ser feitas de cócoras contra a parede, embora pareça incompreensível que, em tal espaço, tivessem cabido tantos corpos.» (Leisner e Leisner, 1951, p. 213-214). Mas esta imagem dificilmente pode ser generalizada a outros monumentos, particularmente quando a sua evidência antropológica é nula e a artefactual irrelevante.

No universo do «megalitismo de grutas», até mesmo uma pequena cavidade, como a Cova das Lapas, em Alcobaça, regista situações bem diferentes: o enterramento «do feiticeiro» era o de um indivíduo deitado de lado, isto quando teria sido perfeitamente possível encostá-lo à vizinha parede da gruta (Gonçalves, 1999b). Em Reguengos de Monsaraz, no *tholos* OP-2b, os indivíduos depositados na primeira grande fase de uso do monumento estariam igualmente deitados. Em STAM-3, a deposição funerária Cm-7, a que incluía a placa recortada, corresponde também a um indivíduo presumivelmente deitado de costas.

E é aqui que voltamos ao princípio: indivíduos simplesmente depositados ou cobertos por terra vinda do exterior do monumento?

Esta última explicação parece-me a única possível para explicar a quantidade de restos de talhe e objectos afins encontrados na Câmara do monumento.

Teríamos assim, em STAM-3, um ritual funerário que consistiria na deposição dos mortos no interior do monumento, sendo então cobertos com terra trazida naturalmente do exterior (e onde se encontrariam traços do quotidiano de comunidades em que o talhe da pedra continuava a desempenhar um papel muito importante na obtenção dos artefactos de uso comum).

No entanto, existe uma outra possibilidade, que deve ser registada.

Não é improvável que, a cada nova deposição, e para evitar a sobreposição directa de mortos recentes e antigos, se cobrisse o que restava das anteriores. Nesta perspectiva, *as inumações não seriam seguidas por um ritual de enterramento, mas antecedidas pela cobertura, com terra, das deposições já existentes.* Esta situação apenas é provável para o caso de STAM-3. No caso de STAM-2, o número supostamente muito reduzido das inumações quase invalida esta possibilidade, reforçando, naquela situação, a hipótese anterior.

Há ainda que considerar que o primeiro grupo tem um núcleo indiscutível, ou pela sua posição estratigráfica ou pelas datações directas por radiocarbono, que abrange um mínimo de pelo menos dez indivíduos (mais um, removido para o topo do monumento pelas violações medievais), quatro adultos (um dos quais portador da grande placa recortada J.8-667), e seis subadultos.

O segundo grupo abrange três adultos, um dos quais associado a um cão.

Mas existe ainda um outro conjunto de três adultos e oito subadultos que não tem filiação segura e de que se conservaram sobretudo os dentes e ossos em estado inadequado para datações de radiocarbono.

Há assim, para os rituais fúnebres, três grupos distintos de observações possíveis.

7.4.1. *As deposições funerárias da primeira fase de uso de STAM-3 (primeiros séculos do III milénio)*

Praticamente, tudo o que pode ser dito com segurança tem que ver com as seguintes unidades de análise:

1. deposição Cm-7 (com o alfinete de cabelo de osso polido J.8-722 e a grande placa recortada J.8-667 associados);
2. não selectividade, etária ou de género, das deposições;
3. características das deposições.

7.4.1.1. *Deposição Cm-7 e placa J.8-667, associada*

Quanto à deposição Cm-7, correspondendo muito provavelmente ao primeiro dos indivíduos a ser depositados no monumento, é evidente que a localização da placa define uma situação idêntica à encontrada para a deposição «do fundador» do *tholos* OP-2b (Reguengos de Monsaraz), para a deposição «do feiticeiro» da Cova das Lapas (Alcobaça) ou, eventualmente, para algumas das deposições funerárias do hipogeu de Monte Canelas, a acreditarmos nas declarações orais de um dos escavadores do monumento.

As características excepcionais da placa J.8-667 podem referir-se a um estatuto particular do indivíduo, objecto de uma distinção específica no momento da sua deposição no monumento. As restantes placas associáveis a esta fase de utilização são, por vezes, de excelente acabamento, mas, à excepção da segunda fase de uso da placa H.8-5, cujo contexto de origem é desconhecido, nenhuma apresenta morfologia ou motivos que as distingam de muitas centenas de outras.

Assim, não parece arriscado afirmar que *a deposição funerária Cm-7 corresponde a um indivíduo cujo estatuto específico neste contexto traduz uma situação, em vida, sobreelevada sobre a dos outros indivíduos, um «chefe de grupo» ou um personagem com um destaque particular no universo das práticas mágico-religiosas. A distinção em vida originou logicamente uma particular distinção no espaço da morte.*

7.4.1.2. *Comentários gerais*

7.4.1.2.1. *Não selectividade, etária ou de género, das deposições*

A análise etária permitida pelos dentes forneceu inicialmente, para a primeira fase do monumento, uma imagem de extraordinário interesse. Segundo informação directa de A. M. Silva, teríamos, de acordo com a coordenada z:

1. um indivíduo com cerca de 1 a 2 anos;
2. dois indivíduos com 2 a 3 anos;
3. dois indivíduos com 5 a 6 anos;

4. um indivíduo com cerca de 7 a 8 anos;
5. quatro adultos.

Temos assim um mínimo garantido de dez indivíduos sepultados em STAM-3, pelo mesmo grupo que construiu o monumento. Sendo que o verdadeiro número, na realidade, ultrapassa largamente esta primeira estimativa, reservada agora para os prováveis acompanhantes de CM-7 e Cm-8.

Torna-se assim evidente que, em inícios do III milénio, neste monumento do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, *não existia qualquer selectividade etária nas deposições funerárias*, o que torna altamente provável que também não tivesse existido qualquer selectividade sexual. Como escreve à frente Eugénia Cunha, «...foram detectados vários indicadores ósseos da existência de indivíduos adultos de ambos os sexos (apófises mastóides, cabeças de fémur, tamanho, robustez ou gracilidade de determinados fragmentos de ossos longos.)».

Este ponto reveste-se da maior importância, sustentando uma das grandes características para os inícios do III milénio no Ocidente peninsular: a colectivização da morte, a emergência de grupos totalmente solidários, garantindo, para todos os componentes da comunidade — adultos de ambos sexos e subadultos — uma utilização comum dos espaços da morte (Gonçalves, 2000-2001, 2002c).

7.4.1.2.2. *Características das deposições*

Quanto às características das deposições, a presença de ossos muito pequenos, como as falanges, faz crer que se trata efectivamente de primeiras inumações, sendo os indivíduos, após a morte, directamente depositados no monumento (ver pág. 385).

Ainda sobre os ritos funerários — desta vez especificamente sobre os artefactos associados aos mortos — podemos verificar a presença, nesta primeira fase, e apenas para as situações «garantidas», de uma associação de uma placa (a grande placa recortada J.8-667) ao pescoço de um indivíduo. Como a fotografia de campo mostra (Fig. 47), ela encontrava-se abaixo da mandíbula, cerca de falanges de uma das mãos, que deveria ter sido colocada apoiando a cabeça. Corresponde assim claramente ao que teria sido o peito do indivíduo.

Todas as outras deposições funerárias da fase mais antiga estão a tal ponto afectadas que não é possível avançar outras conclusões sobre os ritos fúnebres, a não ser quanto ao seixo de lidito I.8-290, que considerarei uma «pedra-almofada» idêntica às recolhidas em OP-2b.

A escavação do *tholos* OP-2b evidenciou que, na sua primeira fase, cuja cronologia é exactamente a de STAM-3, alguns crânios tinham subjacente um seixo alongado. A sua posição correspondia à base posterior do crânio, pelo que avancei a hipótese de se tratar de suportes para o pescoço do morto, funcionando como uma «almofada de pescoço», um pouco à maneira dos rolos japoneses. I.8-290 tinha fragmentos de crânio perto, mas não estava em conexão tão firme com eles como em OP-2b. Parece-me, no entanto, pacífica a interpretação que avanço, reforçando aliás uma outra situação, que diferencia estas deposições funerárias do III milénio das efectuadas em Poço da Gateira I, onde os mortos estariam sentados, encostadas às superfícies internas dos ortóstatos da Câmara e não deitados, como em OP-2b ou STAM-3.

7.4.2. *As deposições funerárias de segunda fase de uso de STAM-3 (últimos séculos do III milénio)*

7.4.2.1. *Comentários gerais*

Na Câmara de STAM-3, a uma altimetria de referência de 215,14 m, foram registadas deposições funerárias referentes a três indivíduos distintos (Cm-2, -3 e -4). Os ritos funerários foram

impossíveis de recuperar no caso de Cm-4, apesar de tudo datado pelo radiocarbono, mas estavam bem legíveis no caso de Cm-2 e Cm-3, também datados pelo radiocarbono. Particularmente no que se refere à situação antropológica, a sua caracterização foi possível com considerável quantidade de informação. Dedicar-lhes-ei, por isso, adiante, uma entrada específica.

7.4.2.2. O cão «E.T.», associado a Cm-3 ou Cm-4

Os problemas de interpretação surgidos com o cão recolhido em STAM-3 têm que ver com duas situações distintas:

1. a que indivíduo estaria associado;
2. que tipo de ritual representa.

A imagem inicial, aquando da escavação de Cm-3, era a de que qualquer coisa parecida com o dedo do E.T. saía directamente debaixo do joelho esquerdo do esqueleto, o que o desenho e as fotografias ilustram perfeitamente (Fig. 34, Fig. 39). A associação visível entre os membros posteriores do cão e os membros inferiores flectidos de Cm-3 era a tal ponto evidente que não houve então dúvidas sobre o facto de a mulher ter sido colocada directamente sobre o cão.

Posteriormente, a identificação dos restos muito destruídos de Cm-4 levantaram uma dúvida de princípio, uma vez estes se encontrarem exactamente no mesmo plano altimétrico que o cão. Consideradas as datações radiocarbónicas para o cão, para Cm-2, -3 e -4, nenhuma reserva é possível em relação à contemporaneidade das deposições referidas. A única dúvida reside na possibilidade de o cão ter sido deitado lado a lado com Cm-4 e logo sobreposto por Cm-3. Pela análise de escavação, não sendo impossível esta última situação, parece-me ser a primeira que reúne uma maior sustentabilidade.

Propõe-se, assim, apesar de tudo, a associação do cão à deposição fúnebre Cm-3.

O tipo de ritual a que correspondeu a deposição do cão levanta outro tipo de problemas, uma vez grande parte do seu esqueleto ter sido danificado pelas condições pós-deposicionais específicas daquela área. No entanto, a dúvida resumia-se aqui à possibilidade alternativa de o cão ter sido depositado inteiro, após a morte, ou apenas uma parte dele. Esta última situação, que parecia admissível aquando da escavação, foi afastada quando o estudo de Marta Moreno revelou a existência de outros componentes do esqueleto do cão, nomeadamente dentes, que não existiriam se apenas uma parte do animal tivesse sido depositada. Identificou, mais especificamente, para além dos metatarsos e tarsais ainda articulados, e reconhecidos no terreno, pequenos fragmentos de pélvis, o fémur quase completo, a patela, a tibia e parte da fibula esquerdos (ver Anexo respectivo).

É assim um caso típico de degradação diferencial *post-mortem*, comum também em algumas deposições funerárias ou enterramentos de humanos. Como foi observado a propósito de Cm-3, a que falta exactamente a parte que corresponderia à que está ausente no esqueleto do cão, tanto a específica natureza dos ossos em falta, como condições específicas do solo poderiam ser responsáveis por esta situação. Isto para já não falarmos na eventual colocação de uma substância corrosiva na área central do corpo.

A deposição de animais associados a humanos é praticamente desconhecida em fins do III milénio. Como Marta Moreno sublinhou, há um caso na Gruta de Marizulo (Urnieta, Guipúzcoa) onde, sob uma deposição funerária humana datada de 5285 ± 65 BP, se encontrou um esqueleto parcial de cão e uma ovelha de três meses de idade (Altuna, 1994, p. 161). Com recurso a Calib. 4.3, obtive $4246-3979$ cal BC, a dois sigmas, o que é claramente, sob um ponto de vista cronológico, muito longínquo de STAM-3.

Uma outra situação, cronologicamente próxima de Marizulo, tem particular importância, ainda que o intervalo de tempo para ela disponível seja largamente excessivo: a do Polideportivo de Martos (Lizcano, Cámara, Riquelme, Cañabate, Sánchez e Afonso, 1991-1992). Sítio largamente publicitado pelas suas fossas circulares, contendo inumações de animais ou de humanos, obtiveram-se para Martos datações decepcionantes pela amplitude dos seus intervalos. Uma das quais indicando 5080 ± 140 BP, mais uma vez com recurso a Calib 4.1, $4229-3542$ cal BC, a dois sigmas, um intervalo de tempo de 687 anos, onde, para o período em questão, cabem certamente realidades muito diversas.

Em Martos, a questão que se coloca não é, porém, a da associação cães — humanos, mas a da atenção específica dedicada aos canídeos, particularmente na Cabana XIIb, tendo eles sido objecto de um enterramento com as mesmas características morfológicas do concedido à «família» humana da Cabana XIII, ainda que também não seja improvável estarmos perante um rito de fundação.

Neste sentido, poderíamos também aqui recordar a rocha de Val Camonica, gravada exclusivamente com cães, sem nenhum humano associado.

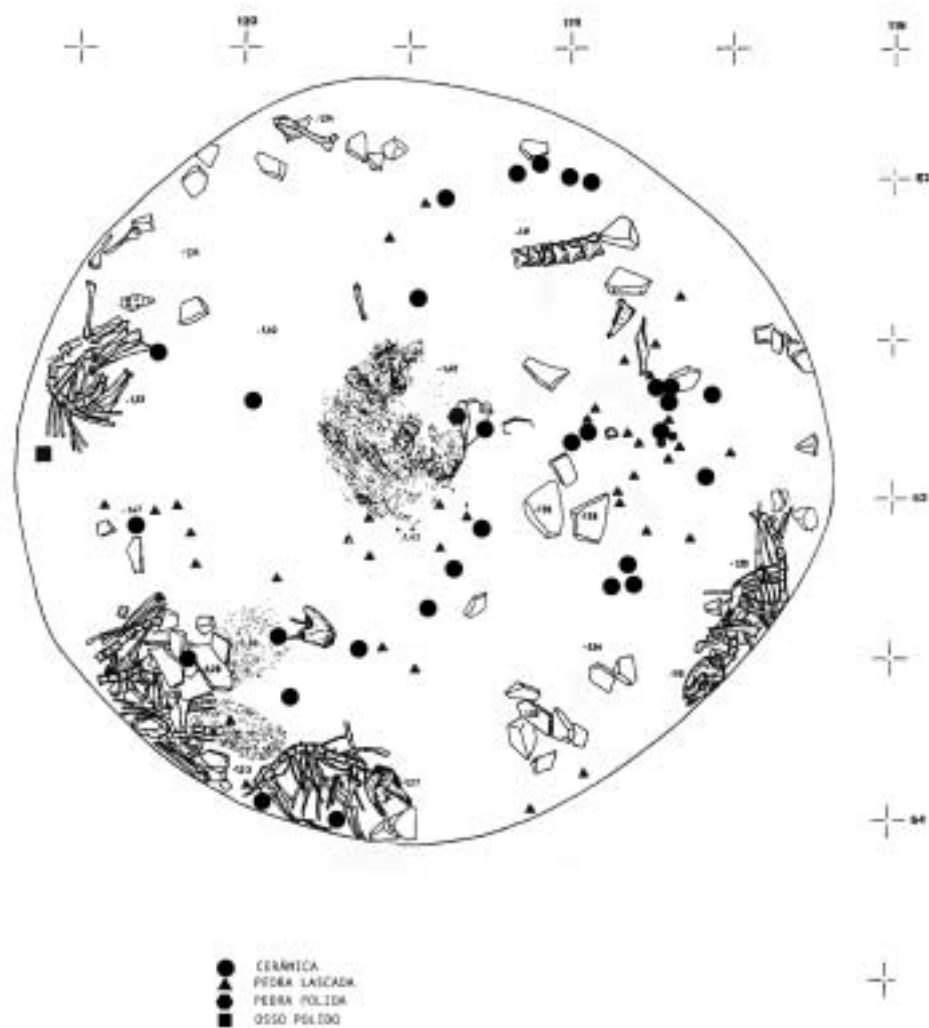


FIG. 98 – Martos, fossa sepulcral XIIa, com enterramentos de cães. Aparentemente, a dimensão da amostra não permitiu datação pelo radiocarbono, mas não é improvável que ela se não afastasse muito da datação conhecida para XIIb.

No sítio de Minferri (Juneda, Les Garrigues), na primeira metade do II milénio, a situação é ligeiramente diferente: «...es recupera un cànid sencer é un bòvid també complet (...). Aquest darres, a manca d'un estudi definitiu, sembla correspondre a un individu adult (± 4 anys), possiblement mascle o castra ti constitueix un fenomen insòlit en total a península per aquesta època.» (Equip Minferri, 1997, p. 188), sendo referida como explicação «...sacrifici o mort accidental en edat adulta» (*ibid.*).

Assim, o cão de uma cesteira (se associado a Cm-3), ou eventualmente de um pastor ou agricultor (se associado a Cm-4), acompanhou o seu dono ou dona na penúltima morada (uma vez que a última será certamente uma imagem num Museu, ou, sendo no Alentejo as coisas o que são, estas mesmas linhas que agora lhe dedicamos). Homenagem a um associado, amigo ou companheiro. Homenagem que aliás não deve ter agradado muito ao interessado, particularmente se foi necessário matá-lo para isso...

No entanto, há um ponto que deve também ser sublinhado: junto à pata do cão, e de tal modo «colado» a ela que só na limpeza em bloco no laboratório do CIPA foi identificado, encontrava-se I.8-114, um pequeno vaso esferoidal globular de bordo exvertido, um dos dois mais pequenos recipientes cerâmicos a ser recolhidos em STAM-3. Não é excessivamente arriscada a sua interpretação como uma oferenda votiva que acompanharia o cão, mas, não hesitando em referir o observado, recorro mais uma vez não termos paralelos para esta situação.

7.4.2.3. As deposições funerárias Cm-2 e Cm-3

Indiscutivelmente, dos três enterramentos da última fase de uso de STAM-3, e mesmo se esquecermos o cão, é Cm-3 quem reúne um tipo de informação mais específico.

Considerarei muito duvidosa a origem dos pequenos fragmentos de placa de xisto gravada I.8-88, -96, -102, recolhidos na área onde deveria ter estado o tórax do indivíduo, muito concretamente pelo seu estado: se tivessem sido resultado de uma fragmentação no local de uma placa de xisto, então nada restaria do esqueleto.

Pelo contrário, a taça cerâmica I.8-95, colocada por detrás do torso, e a conta de colar J.8-74, localizada na área onde deveria ter estado o pulso direito, podem ser consideradas como definitivamente associadas a esta deposição.

Os dois fragmentos de quartzo leitoso dispostos directamente sobre o corpo (I.8-92, -93), o que se encontrou junto à taça I.8-5 (I.8-98) e o que se recolheu dentro da boca, fixado entre a mandíbula e o maxilar superior (J.8-117), os quatro não talhados, justificam um comentário próprio.

Se tivéssemos recolhido apenas os três primeiros, haveria forte presunção que fossem materiais de arrasto, provenientes do exterior do monumento. No entanto, J.8-117 estava a tal ponto bem preservado dentro da boca do indivíduo que só foi detectado aquando da limpeza e preparação do crânio para transporte. Dificilmente se atribuiria a sua presença a um qualquer fenómeno pós-deposicional.

Poderíamos estar assim perante um ritual em que pedrinhas de quartzo leitoso teriam sido colocadas uma dentro da boca, outras sobre o tórax da mulher depositada nesta última fase de uso do monumento. Mais uma vez, não existem paralelos para esta situação, mas, de algum modo, e para esta época, também não existem para o cão. Podemos assim admitir, com reservas, que encontrámos eventualmente traços de um ritual fúnebre datável de fins do III milénio, e para o qual desconhecemos contexto.

Outra informação, no entanto, justifica tratamento: a da «profissão» ou, mais adequadamente, da actividade dominante, da mulher designada Cm-3, *Marta* em código de escavação, e do homem designado por Cm-2 ou *Marco*...

Nesta última situação, durante os trabalhos de campo não foi possível adiantar nenhuma observação que revelasse estranheza, mas, no caso de «Marta», foi observado o extremo desgaste dos incisivos e caninos. Registou-se então uma possibilidade, a de estarmos perante um desgaste «profissional», resultante de uma actividade prolongada e repetitiva. A única que então me ocorreu como possível era a de se tratar de uma cesteira, uma vez que o acto de «montar» um cesto implica o uso dos dentes para esgaçar as fibras, o que naturalmente produz intenso desgaste do marfim dentário. Mas desconhecia-se qualquer paralelo para esta situação até que houve recurso a necrópoles do Neolítico médio francês com restos antropológicos estudados.

A necrópole de Champ-Châlon, Benon, Charente-Maritime (França), atribuível ao Neolítico médio, revelou restos de um «crocheur», neologismo que foi criado para significar «...celui qui saisit fortement entre ses arcades dentaires un matériau pour pouvoir le travailler.» (Gilbert, 1990). O *crocheur* de Benon foi identificado a partir de dois pré-molares provenientes do *Tumulus B*, Câmara 2 e o seu desgaste dentário atribuído à cestaria de que seria artesão. É, aparentemente, o mesmo tipo de desgaste observado nos dentes de Cm-3.

Como Ana Maria Silva observou, a propósito de Cm-3, «Os incisivos centrais e laterais superiores estão *in situ* e apresentam um desgaste máximo (grau 8 na escala de Smith, 1984). Também neste maxilar se detectou a perda *ante mortem* do canino direito, a qual poderá ter ocorrido pouco tempo antes da morte do indivíduo na medida em que o alvéolo ainda se encontra na fase inicial de reabsorção. Quanto aos dentes do maxilar inferior, dois incisivos resumem-se às raízes dado o desgaste de grau 8 que apresentam. O mesmo ocorre para um canino inferior e para

um dos pré-molares. O primeiro e segundo molares inferiores esquerdos apresentam desgaste de grau 6.».

Também no caso da cesteira, há ainda que sublinhar as deformações nos dedos, que correspondem a patologias compatíveis com esta ocupação. Como referiu Ana Maria Silva, «a detecção de entesopatias nas falanges intermédias das mãos na zona de inserção dos flexores (*flexor digitorum superficialis* e *flexor digitorum profundis*), sugerem um grande esforço físico ao nível da mão. Ou seja, as calcificações observadas ao nível das zonas de inserção destes tendões, podem ser vistas como um marcador de *stress* ocupacional».

O que, mais uma vez, reforça a interpretação avançada.



FIG. 99 – Cesteiro usando os dentes para esgaçar fibra. Segundo Françoise Loux, 1981, «L'Ogre et la dent», citado por Gilbert, 1990, p. 56.

7.5. Os artefactos

Comentários específicos

A distribuição dos diversos artefactos recolhidos em STAM-3 traduz fenómenos de origem e um conjunto, de consequências maiores ou menores, de fenómenos pós-deposicionais.

As figuras que se apresentaram, e onde se registaram, numa realidade comprimida tanto no perfil como na planta, mas absolutamente legível, as localizações de todos os artefactos com registo tridimensional, evidenciam várias realidades:

1. o uso relativamente limitado do Corredor, compreensível se considerarmos a sua volumetria e funções de destino, afinal o acesso a uma Câmara funerária. O seu uso como lugar de deposições ter-se-ia feito sempre numa segunda etapa da primeira fase;
2. a concentração de deposições na Câmara, lida tanto através das cerâmicas recolhidas como da distribuição das placas de xisto gravadas. No entanto, o estado de muito elevada fragmentação das cerâmicas e das placas evidencia o vortex de destruições levadas a cabo pelas violações medievais do monumento;
3. a localização restrita das pontas de seta (eventualmente integrando, na origem, carcazes) indicia a presença de, provavelmente, três arqueiros, dois na Câmara e um no Corredor;
4. a distribuição das contas de colar é considerada menos significativa, levando em conta a sua extrema mobilidade dentro dos sedimentos, ainda que tenham sido identificados núcleos bem definidos, possivelmente restos de um mesmo colar;
5. a distribuição dos líticos diversos é muito curiosa, permitindo, a meu ver, confirmar a hipótese que avancei no caso de STAM-2 (Gonçalves, 2001a, p. 171). Com efeito regista-se uma distribuição relativamente homogénea e equitativa pelos diferentes componentes do monumento e suas áreas específicas, traduzindo assim a possibilidade de terem sido carregados do exterior com a terra que eventualmente cobriria os cadáveres ou regularizaria o solo para novos enterramentos.

Todos estes dados têm, naturalmente, reservas de apreciação: um monumento com pelo menos duas violações em plena Câmara não oferece idênticas garantias de legibilidade em todos os seus planos e parece confirmado que, se as violações afectaram sobretudo a área central da Câmara, também chegaram praticamente até a rocha, sendo aliás cumulativas com a reconstrução do monumento nos últimos séculos do III milénio.

7.5.1. A pedra lascada

7.5.1.1. Os diversos artefactos

A natureza dos artefactos de pedra lascada é comum em circunstâncias como esta e em contextos de inícios do III milénio, mas as ausências são evidentes, particularmente no caso dos geométricos, ainda presentes em contextos de fins do IV milénio. Haveria também que sublinhar a ausência das grandes lâminas obtidas por pressão, num sistema de alavanca, tão comuns no *tholos* OP-2b, que tem exactamente a mesma cronologia. Ou a inexistência de artefactos foliáceos como «alabardas» ou «pontas de dardo», também presentes em OP-2b.

7.5.1.2. As matérias-primas

Com a colaboração do Prof. Paulo Fonseca, da Faculdade de Ciências de Lisboa, verificou-se a lista das matérias-primas já identificadas, acrescentada pelas suas próprias identificações, e cuja proveniência provável é apontada.

A lista é a seguinte:

QUADRO 39

Matérias primas e artefactos.

Matéria prima	Tipo de artefactos	Proveniência
Anfibolito	Conta de colar	Local
Basalto filoniano alterado	Núcleo	Local ou próximo
Cerâmica	Conta de colar, recipientes	Local
<i>Chert</i>	Conta de colar, pontas de seta, lamelas, raspadeira, restos de talhe	Local
Granito	Placa aparada	Local
Jaspe	Pontas de seta, enxó	Local ou próximo
Lidito	«Pedra almofada»	Local
Quartzito	Lascas, pontas de seta, lâminas, OLNIS, seixos talhados, núcleo	Local ou próximo. Tendo em conta a possível proveniência através do Guadiana, pode ser distante a origem primária.
Quartzito negro	Pontas de seta	Local
Quartzito	Lascas, pontas de seta, lamelas, restos de talhe, OLNIS, núcleo	Local
Quartzito hialino	Pontas de seta, lamelas, restos de talhe, núcleo	Local ou próximo
Quartzito leitoso	Lamela, restos de talhe, núcleo	Local
Opala	Lâmina	Local ou próximo
Pedras verdes	Contas de colar	Local ou próximo
Serpentinito	Contas de colar	Local ou próximo
Sílex	Lâminas, lamelas, pontas de seta, furador? restos de talhe	<i>Não local</i>
Meta-siltito	restos de talhe	Local
Xisto	Placas gravadas, placa aparada, contas de colar	Local
Xisto «avinhado»	Placas gravadas	Local

7.5.1.3. A interpretação do número e da distribuição das pontas de seta e das placas de xisto gravadas

Se cada carcaz de arqueiro contiver entre quatro a sete setas (respectivamente números mínimo e máximo admissíveis) teríamos duas deposições funerárias de adultos arqueiros no Corredor e entre 3 e 4 na Câmara, admitindo que a esta pertencem também as pontas de seta recolhidas no *Tumulus*. Este seria portanto um número mínimo de deposições de arqueiros, usando exclusivamente este critério, conjunturalmente o único possível. Mas este número não pode ser minimamente utilizável sequer para a determinação do número de adultos do sexo masculino, certamente não sendo todos arqueiros, actividade de que, normalmente, as mulheres estão arredadas. A mesma reserva se pode evocar para as placas de xisto gravadas, que desconhecemos terem eventualmente uma distribuição exclusiva pelo sexo masculino, ao contrário

do que poderá ter acontecido com as pontas de seta. Teríamos assim um número total de indivíduos claramente superior aos que estes indicadores artefactuais poderiam sugerir, o que é garantido pelos dados antropológicos.

7.5.2. *A pedra polida*

I.8-151, o pequeno fragmento de uma enxó de jaspe (ele próprio resultante da colagem de dois fragmentos) é a única evidência de pedra polida em STAM-3. O que não é de estranhar: em Reguengos de Monsaraz, os artefactos de pedra polida são muito raros nos monumentos do III milénio em que as placas de xisto gravadas estão bem representadas. É o que se verifica em monumentos de arquitectura avançada, como os *tholoi* OP-2b e OP-2d, mas também, de algum modo, em OP-1.

Pelo contrário, nos monumentos em que não existem placas de xisto gravadas, como Poço da Gateira 1, Vidigueiras ou Gorginos, a pedra polida está bem representada, com números que no caso de Poço da Gateira 1, atingiriam mesmo os dois artefactos por indivíduo.

Estamos muito provavelmente perante algumas situações diversificadas, talvez sequenciais, em que a presença ou ausência de artefactos de pedra polida se articula com a presença ou ausência de outros itens votivos:

1. o ritual do machado ou da enxó acompanhando o morto (Piornal 3), associado a geométricos obtidos sobre lâminas;
2. o ritual usando a associação machado+enxó (ou goiva), como em Poço da Gateira 1, associado a geométricos obtidos sobre lâminas;
3. o depósito de um grupo sortido de artefactos de pedra polida à entrada da Câmara (como em STAM-2 ou Gorginos 3);
4. o depósito com os mortos (muito provavelmente suspensas do pescoço) de placas de xisto gravadas, associadas a cerâmicas e outros itens votivos que de forma quase absoluta não incluem nem pedra polida nem geométricos.

A explicação poderá residir na associação da importância da pedra polida nas primeiras fases das sociedades camponesas no Alentejo (cortar, limpar as árvores, abrir a floresta) a uma simbólica específica da morte, ultrapassada em inícios do III milénio com a consolidação e «normalização» da actividade agrícola e com o aparecimento de novos símbolos e novas figuras sacralizadas.

7.5.3. *Artefactos para adorno pessoal: as contas de colar e os alfinetes de cabelo*

Deve, naturalmente, ser sublinhada a relativa escassez dos artefactos para adorno pessoal e, sobretudo, a sua limitada diversidade. Mesmo em relação às contas de colar, a lista é eloquente, sobretudo no que aos números respeita. Mas também é certo que em outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz se verifica uma escassez ainda maior de contas de colar.

Das 127 contas analisadas, apenas uma não permitiu identificação de forma. Ainda assim, foi utilizada no estudo das espessuras e das matérias primas, dois valores cuja identificação era possível.

É particularmente difícil separar as contas de perfuração bitroncocónica das contas de perfuração cilíndrica ou mesmo cónica. Na realidade, uma conta com perfuração cónica ou cilín-

drica é terminada com um único movimento de perfuração, aplicado no centro do disco a perfurar. A perfuração bitroncocónica resulta, pelo contrário, de dois movimentos perfurantes aplicados sucessivamente em cada face do disco. Sobretudo no caso do xisto, a fracturação na micro-área correspondente à perfuração dificulta a destriça entre as duas situações distintas.

A leitura efectiva do diâmetro da perfuração não é facilitada pela sua pequena dimensão e pela fragilidade dos materiais. A utilização das contrapontas de uma craveira digital metálica podendo provocar danos irremediáveis nas contas, vimo-nos obrigados a usar as pontas de medida principais, assentes sobre um dos planos da conta. Há assim uma pequena margem de erro nos centésimos de milímetro, provavelmente também, ainda que menos, nos décimos de milímetro. O que não tem realmente grande significado.

As perfurações bitroncocónicas em algumas contas de colar, particularmente nas pertencentes ao «grupo das pequenas contas», é muito difícil de separar das perfurações troncocónicas, uma vez que o campo de observação é extremamente limitado. Como todas as descrições foram feitas com recurso a uma lupa binocular, ultrapassaram-se um pouco as dificuldades que seriam certamente encontradas numa descrição por observação simples.

Nas contas discóides, salvo nas muito pouco espessas, normalmente a forma não é exactamente a de uma secção de cilindro, mas a de um «micro-donut», isto é: o plano visível da conta, uma vez enfiada com as outras que integravam o colar, apresentava um aspecto mais ou menos rombóide. Em alguns casos, o ponto central da superfície rombóide não é um ponto de inflexão, mas um ponto de ruptura mais ou menos marcado. Quando este ponto de ruptura se encontra reduzido, por efeito de polimento ou de erosão pós-deposicional, torna-se difícil separar um ponto de inflexão de um ponto de ruptura. Ainda assim, procurou-se sempre estabelecer a distinção, mesmo nos casos em que a dificuldade era maior.

A classificação geral «discóide» é talvez demasiado geral, uma vez que inclui dois possíveis tipos que não foram aqui separados. Um deles é o da «verdadeira» conta discóide, cujos bordos são rectilíneos. O outro refere-se a bordos ligeiramente encurvados, ou mesmo quase rectilíneos, mas com perfil em tronco de cone.



FIG. 100 – Perfis de três tipos de contas de colar, independentemente do diâmetro. 3:1. A primeira apresenta paredes relativamente verticais, a segunda o perfil tipo «micro donut», a terceira, apesar da sua irregularidade e assimetria, é uma bitroncocónica abatida, neste caso mais espessa que o habitual.

A forma das contas de colar de STAM-3 é maioritariamente constituída por exemplares discóides (96 em 126, dos quais 79 em xisto e 17 em pedra verde). Seguem-se as contas bitroncocónicas abatidas (com 13 de xisto e nove de pedra verde). Há porém que referir que poderia ter sido feita uma efectiva distinção entre um tipo de conta mais espesso, que corresponde possivelmente ao verdadeiro tipo bitroncocónico, e um outro, com uma aresta no perfil, mas que poderia tratar-se de traços de um processo técnico relacionado com a separação das contas do bloco pétreo em que foram pré-talhadas.

As contas discóides espessas surgem com seis exemplares (cinco de pedra verde e um de xisto).

Em número objectivamente reduzido são as contas bitroncocónicas, apenas duas (uma de anfíbolito e outra de cerâmica).

O diâmetro total das contas oscila entre um máximo de 12,36 mm e 4,05 mm. Escolheu-se o limite máximo de 6 mm de diâmetro para referir um tipo de componentes de colar rotulado como «grupo das pequenas contas». Estas contas encontram-se representadas tanto no Corredor como na Câmara, sendo que no primeiro se identificaram cinco e no segundo 15, isto é, no total, 20.

O diâmetro das perfurações nem sempre tem números fiáveis. Na realidade, poderiam ser excluídas as contas com uma perfuração corrigida na mesma face e registados os dois valores presentes em cada conta. Se excluirmos J.9-108, cuja incompreensível perfuração incompleta está aliás dentro dos parâmetros das completas (Fig. 138:5), a perfuração mínima medida tinha 1,20 mm e a máxima 4,89 mm.

A matéria-prima das contas vai, em sentido ascendente, de anfíbolito e cerâmica, com apenas um exemplar cada, a 32 de pedra verde (que inclui o serpentinito, designação que foi usada sempre que não havia dúvidas sobre ela, sendo que muitas das «pedras verdes» são certamente também serpentinito) e 93 de xisto (conta-se aqui também o exemplar fragmentado, mas cuja matéria-prima era reconhecível). Temos assim quatro matérias primas, todas locais (sendo apenas surpreendente o uso da cerâmica, muito pouco comum na feitura de contas de colar), para três formas, cujas variantes apenas têm que ver com a espessura do componente de colar. Não é muito, convenhamos, mas no variado e extenso espólio do *tholos* OP-2b não encontramos maior diversidade, sendo apenas a contar em seu favor a figurinha zoomórfica de osso, que deveria ser o centro de um colar ou uma peça única, suspensa ao pescoço do morto.

QUADRO 40

Tipo de contas de colar e matérias-primas.

Tipo de conta	Total	Serpentinito	Cerâmica	Pedra Verde	Xisto
Bitroncocónica	2	1	1	0	0
Bitroncocónica abatida	22	0	0	9	13
Discóide	96	0	0	17	79
Discóide espessa	6	0	0	5	1

A espessura das contas de colar oscila entre os 0,86 e os 5,88 mm, sendo que se criou uma categoria a partir de quatro milímetros inclusive de espessura, correspondendo à designação «Grupo das contas discóides espessas».

O tipo de perfuração das contas levanta, por vezes, grandes dificuldades no processo da sua determinação, implicando a observação das contas à lupa binocular duas leituras visuais directas e uma terceira cumulativa. Com efeito, se uma perfuração cilíndrica de traçado preciso é fácil de reconhecer, e uma perfuração troncocónica também, já o mesmo não acontece com alguns tipos de perfuração bitroncocónica, em que a violência do segundo movimento perfurativo praticamente transformou o negativo numa perfuração cilíndrica. A determinação de uma perfuração ser bitroncocónica e não cilíndrica baseou-se, em alguns casos, no facto de o mergulho da *zoom* da binocular permitir identificar uma pequena nervura ou excrescência, geralmente a meio ou a um terço da altura da perfuração. As limitações do desenho arqueológico à escala 1:1 fazem com que existam algumas discrepâncias entre o desenho que publicamos e a descrição da peça. Em todos os casos, é sempre esta última que prevalece. Para que nesta situação o desenho fosse verdadeiramente irrepreensível, ele deveria ter sido feito à escala 2:1 ou melhor 3:1, mas então os custos seriam incompatíveis com as dimensões de este projecto.

Para a população de contas de colar recolhidas no monumento, identificaram-se 24 contas com perfurações de tipo 3, isto é, cilíndricas, 34 de tipo 1, isto é, troncocónicas, e 67 de tipo 2, bitroncocónicas. No entanto, pelas razões já enunciadas, estes números são os menos fiáveis do conjunto.

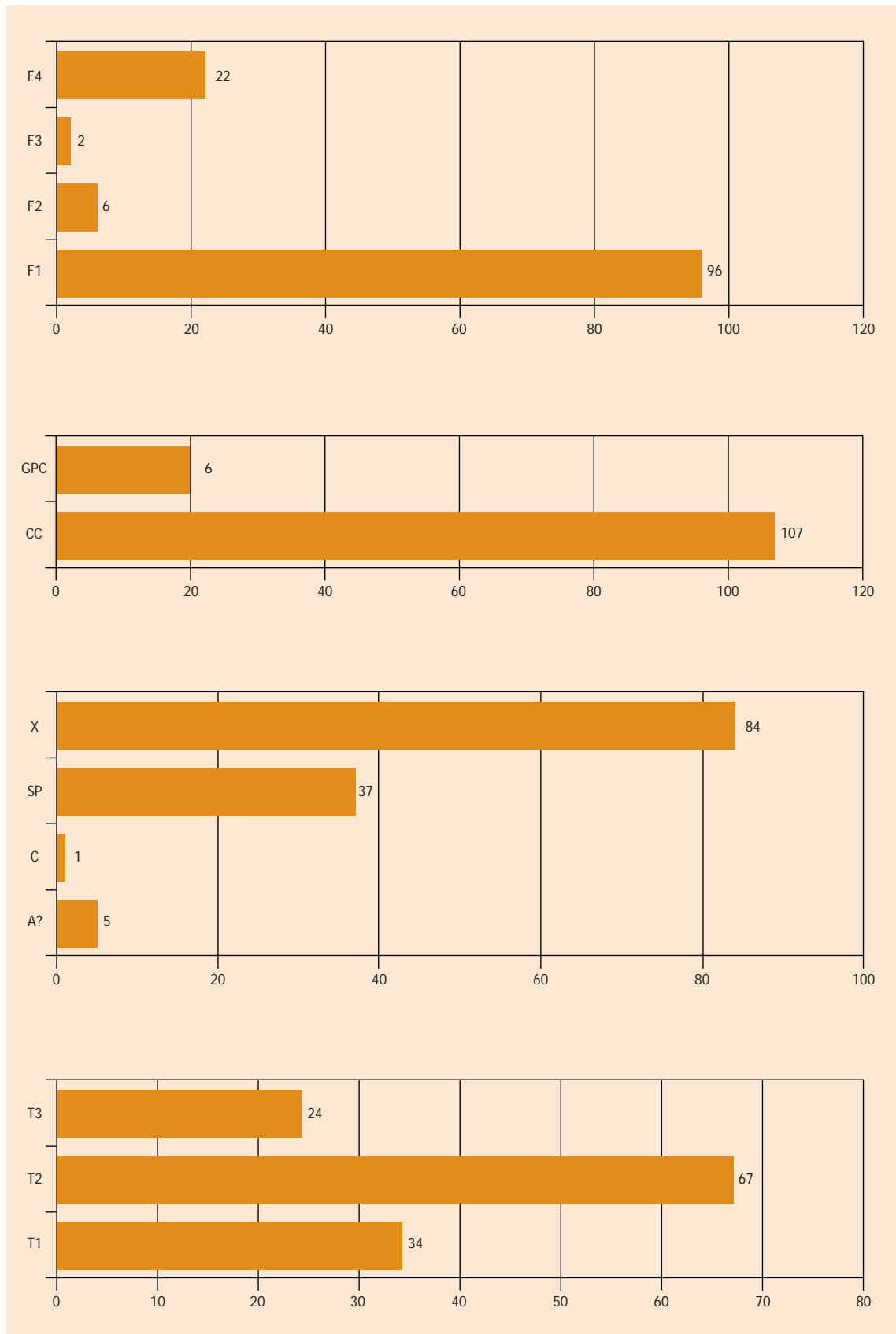


GRÁFICO 5 – Percentagens de formas, dimensões, matérias primas, tipo de perfuração das contas de colar de STAM-3.
 F = forma; X = xisto; SP = serpentinito; C = cerâmica; A = anfibolito; T = Tipo de perfuração.

Guardámos para o fim a análise específica de dois conjuntos de contas de colar, um grupo de três proveniente de uma área de topo da Câmara, junto ao esteio de cabeceira (ECm-4), e outro, de 11 contas, proveniente do alvéolo original de ECm-5, dois conjuntos que, pela sua associação a espaços muito restritos, poderiam constituir restos de dois colares individualizados.

Os componentes do conjunto associado ao esteio de cabeceira apresenta dimensões relativamente próximas, precisamente 8,17, 8,44 e 8,61 mm. Duas são de xisto e uma de serpentinito. O diâmetro da perfuração oscila entre os 2,10 de J.9-14 e os 2,62 de J.9-12, tendo J.9-13 2,71 mm. Estas últimas medidas, separadas por seis décimos de milímetro, não dificultam o correr dos três componentes de colar por um mesmo fio. Curiosamente, os pesos idênticos verificam-se entre um dos exemplares de xisto (J.9-12) e o de serpentinito (J.9-13). Na prática, nada impede que integrassem o mesmo colar, sendo idêntica a forma e o tipo de perfuração. Mas com um número tão pequeno de exemplares nenhuma certeza é possível.

O segundo conjunto possui a particularidade de ter sido identificado dentro do alvéolo daquele que era, na origem, o esteio 5 da Câmara. Encontram-se representadas duas formas: a 1 (contas discóides), com oito exemplares, e a 4 (contas bitroncocónicas abatidas), com três exemplares. As matérias primas resumem-se a duas: serpentinito (quatro contas) e xisto (oito), ainda que as matérias primas não coincidam necessariamente com as formas. Pertencem à forma 1 duas contas de serpentinito e à 4 as outras duas restantes. À forma 1 pertencem seis contas de xisto e uma à forma 4. O diâmetro total varia entre os 8,08 e os 8,85 mm, uma variação relativamente pouco significativa de 0,77 mm. O diâmetro da perfuração oscila porém entre os 3,20 e os 1,97 mm, um desvio consideravelmente mais significativo, de 1,22 mm. Se reduzirmos, no entanto, o rigor da leitura, com a excusa da inexistência de uma produção equipada com utensílios que permitiriam garantir perfurações sempre idênticas, veremos que a medida das perfurações se distribui por dois grandes grupos, um arredondado aos 3 mm (seis exemplares) e outro aos 2 mm (cinco exemplares). A espessura das onze contas oscila entre 1,65 e 2,85 mm.

Não há, portanto, um padrão rigorosamente normalizado que associe determinadas formas a determinados tipos de matéria prima ou a uma dada espessura. Vale a pena referir que nenhuma de estas 11 contas entra no grupo que atrás se definiu, designado por «Grupo das pequenas contas».

Não é impossível que estas onze contas fizessem parte de um mesmo colar, ainda que pareça cada vez mais evidente que uma conclusão de este tipo apenas poderia derivar de uma associação espacial específica, como a que se verificou em OP-2b, com as centenas de contas associadas, reproduzindo ainda a forma do artefacto de adorno pessoal original.

Os alfinetes de cabelo, objecto de duas recentes localizações cronológicas absolutas, uma directa (Cardoso e Soares, 1995), outra indirecta (Gonçalves, 1996), são, como hoje sabemos, artefactos que se tornam comuns na segunda metade do IV milénio e na primeira do III. Em STAM-3 não existem as típicas cabeças caneladas, nem os alfinetes monóxilos de cabeça bem destacada, ambos presentes em OP-2b, mas tão só vários fragmentos de haste e uma extremidade distal. Uma análise hiper-crítica poderia mesmo defender que se não trata de alfinetes de cabelo, mas de «pauzinhos» de osso polido idênticos aos identificados pelos Leisner, ou mesmo de furadores. No entanto, a observação da extensa série proveniente de OP-2b parece tranquilizar-nos e apoiar a minha interpretação.

Um facto importante é o de vários apresentarem nas superfícies, e um no interior da fractura, pontos de carbonização idênticos aos identificados nos alfinetes de cabelo e nos ossos humanos da primeira fase do *tholos* OP-2b, o que torna talvez provável que STAM-3 tenha sido objecto de um fogo de higienização semelhante ao de OP-2b, ainda que obviamente em muito menor escala.

7.5.4. A cerâmica

A presença num espaço funerário de cerâmicas abertas e fechadas tem um significado muito diferente daquele que se encontra nos conjuntos provenientes de áreas de povoamento. E, mais uma vez, não é o simbolismo que deve ser invocado como gazua abre portas. Aliás, tal como André Leroi-Gourhan sublinhou em meados do século passado, o pensamento mágico-religioso pode ser tão pragmático como o pensamento técnico.

Na realidade, nas áreas de habitat, as cerâmicas abertas são usadas sobretudo para o consumo de alimentos e as cerâmicas fechadas, de acordo com a sua dimensão, para os cozinhar ou armazenar.

Num espaço funerário, as cerâmicas transcrevem, *por vezes*, as situações da vida, mas nem sempre. Em primeiro lugar, muitas formas são exclusivas, ou quase, do mundo dos mortos. Em segundo, as suas dimensões divergem e nunca se viu, até ao momento, números relevantes de recipientes contentores em antas, grutas artificiais ou *tholoi*.

Mas o terceiro milénio marca, pela primeira vez de forma generalizada, a associação da presença de formas específicas dos monumentos funerários com artefactos cerâmicos do mundo dos vivos: taças carenadas e pratos de bordo espessado estão presentes nos conjuntos de princípios do III milénio em Reguengos de Monsaraz e em outros grupos megalíticos.

Em STAM-3, existem recipientes abertos e fechados representados nas duas fases de deposição funerária e também entre os materiais impossíveis de atribuir com rigor a qualquer uma delas.

7.5.4.1. Um catálogo de formas. Formas abertas e formas fechadas

As cerâmicas provenientes de STAM-3 foram distribuídas graficamente por um Catálogo de formas simplificado.

QUADRO 41

Distribuição das cerâmicas recolhidas em STAM-3 por Formas e Variantes.

Localização	Grupo	Variante	Código	Registo	Total
Câmara	Esféricos achatados	Típico	F.4.b.	L.8-124	1
Câmara	Esféricos altos		F.2.a.	I.8-225; J.8-432; J.8-607; J.9-127; J.9-1	5
Câmara	Esféricos altos	Mamilados	F.2.a.	I.8-228; I.8-66; I.8-80	3
Câmara	Esféricos altos	Bordo ligeiramente exvertido	F.2.b.	I.9-15	1
Câmara	Esferoidais	Simple	F.1.a.	I.8-177; I.8-229; J.9-130; J.9-79; I.9-4; J.9-4; J.9-19; I.9-23	8
Câmara	Esferoidais	Globulares	F.1.b.	I.8-114; I.8-145	2
Câmara	Formas carenadas	Taças carenadas	F.5.b.	I.8-305; J.9-59; J.9-69	3
Câmara	Grandes taças fechadas		F.7.	J.8-553	1
Câmara	Indeterminado		F.8.	I.8-138; I.8-153; I.8-212; J.8-104; J.8-199; J.8-349; J.8-363; J.8-639; J.8-787; J.8-14; J.8-15; I.8-9; I.9-29; J.8-638	14
Câmara	Pratos de bordo espessado	Almendrado	A.3.	J.8-418; I.8-50	2
Câmara	Taças fechadas		F.3.a.	I.8-185	1
Câmara	Taças fechadas		F.3.b.	J.8-113; J.8-210; J.9-16; I.9-30	4
Câmara	Taças		A.1.a.	I.8-45; I.9-7; I.8-31	3
Câmara	Taças	Em capacete	A.1.b.	J.8-86	1
Câmara	Taças	Muito abertas	A.2.	I.8-95	1

QUADRO 41 [Cont.]

Distribuição das cerâmicas recolhidas em STAM-3 por Formas e Variantes.

Localização	Grupo	Variante	Código	Registo	Total
Câmara	Vasos carenados	Vaso	F.5.a.	I.8-221; I.8-224; J.8-221; J.8-488; J.8-785; J.9-59	6
Câmara	Vasos de colo estrangulado		F.6.	I.8-236; I.8-291	2
Câmara DF	Grandes taças fechadas		F.7.	J.8-778	1
Câmara DF	Esferoidais	Simple	F.1.a.	J.8-707; J.8-764	2
Câmara DF	Vasos de colo estrangulado		F.6.	J.8-744; J.8-763	2
Corredor	Esféricos achatados	Pré-forma	F.4.a.	G.8-7	1
Corredor	Esféricos altos		F.2.a.	H.8-72; H.8-7	2
Corredor exvertido	Esféricos altos	Bordo ligeiramente	F.2.b.	G.8-21	1
Corredor	Esferoidais	Globulares	F.1.b.	H.8-141; H.8-70	2
Corredor	Formas carenadas	Taças carenadas	F.5.b.	G.8-6	1
Corredor	Taças fechadas		F.3.b.	H.8-143; H.8-76; I.8-91; G.8-19	4
Corredor	Taças		A.1.a.	G.8-16	1
Corredor	Taças	Muito abertas	A.2.	G.8-18	1
Corredor	Vasos carenados	Vasos	F.5.a.	H.8-107	1
Corredor	Vasos de colo estrangulado		F.6.	G.8-3	1
Tumulus	Esferoidais	Simple	F.1.a.	SUP-15; I.7-2	2
Tumulus	Formas carenadas	Vaso mamilado	F.5.a.	H.9-1	1
Tumulus	Formas carenadas	Vaso	F.5.a.	H.9-2	1
Tumulus	Formas carenadas	Taças carenadas	F.5.b.	F.10-2	1
Tumulus	Indeterminados		F.8.	K.10-3	1
Tumulus	Taças	Mamilado	A.1.a.	F.10-1	1
Tumulus	Taças	Mamilado	A.2.	F.10-2	1
Tumulus	Taças fechadas		F.3.a.	K.10-1; D.13-1	2
Tumulus	Vasos de colo estrangulado		F.6.	E.13-1; K.8-2	2

A observação da diversidade das cerâmicas recolhidas em STAM-3 conduziu a algumas reflexões antes da adopção de processos de sistematização de formas. Em primeiro lugar, surgia uma específica dificuldade, derivada do estado de grande fragmentação das cerâmicas. Em muitos casos, as reconstituições da altura dos vasos foram simplesmente impossíveis, em outros foram recuperadas a partir de inclinações de superfícies que necessitariam talvez de melhor fundamentação.

No caso das formas abertas, a situação não é muito grave, porque a convergência dos fundos se faz normalmente de uma forma regular. No caso das formas fechadas, porém, torna-se muito difícil estabelecer a orientação que as paredes tomariam, sobretudo quando se trata de fragmentos de dimensão diminuta.

No caso das formas fechadas, identificaram-se sete categorias e algumas variantes. Seria possível aumentar o número das variantes, mas duvido que houvesse algum proveito nessa iniciativa, uma vez que se trata de cerâmicas manuais, por vezes de construção muito irregular, onde é difícil encontrar significado para variações ligeiras no índice de abertura mesmo para a forma geral dos bordos.

Alterou-se assim o critério de seriação baseado naturalmente nas características morfológicas gerais, sem que, na maioria das situações, se considerasse a volumetria como um factor determinante. No entanto, no caso da forma fechada 7, a disparidade evidente entre a sua

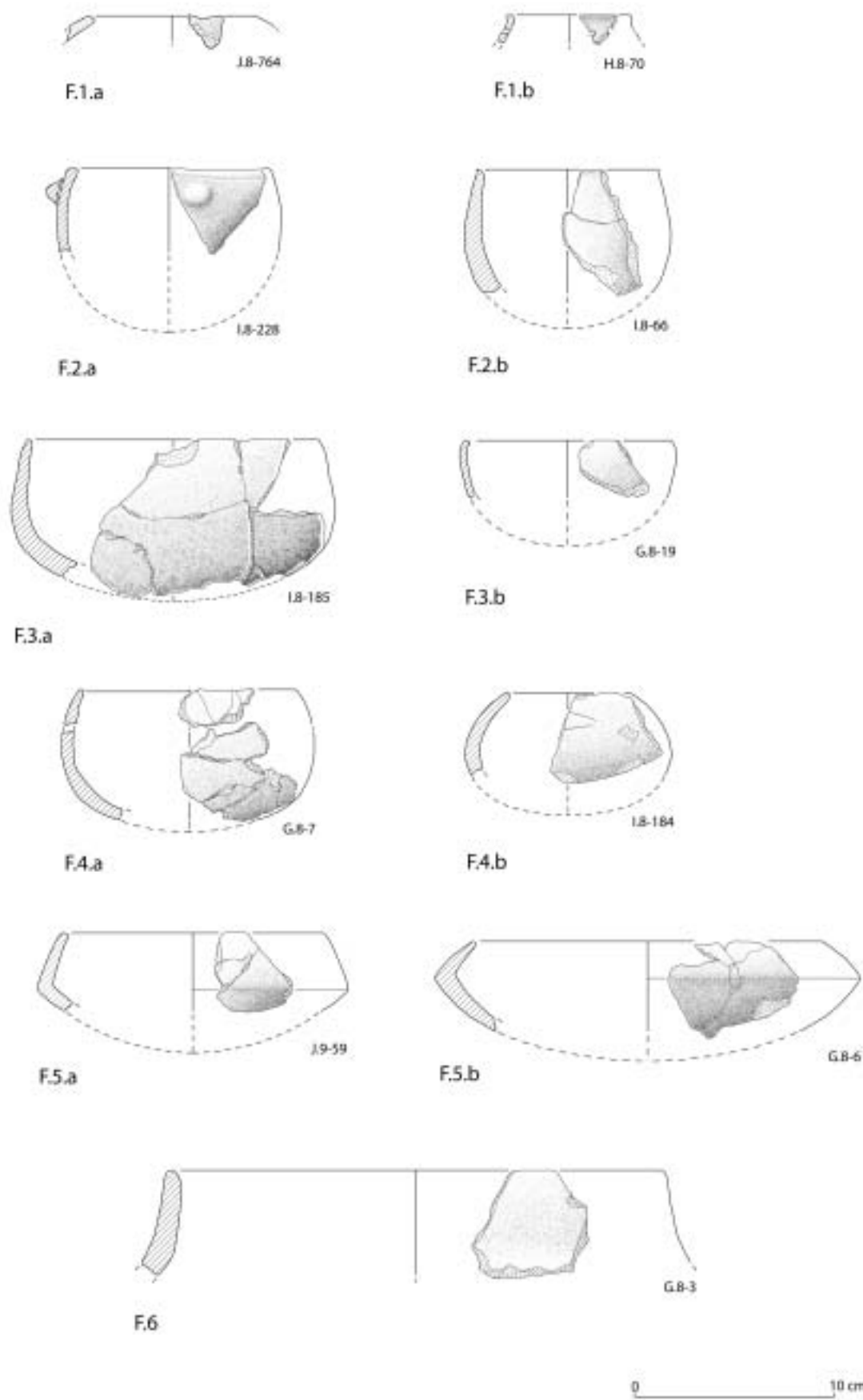
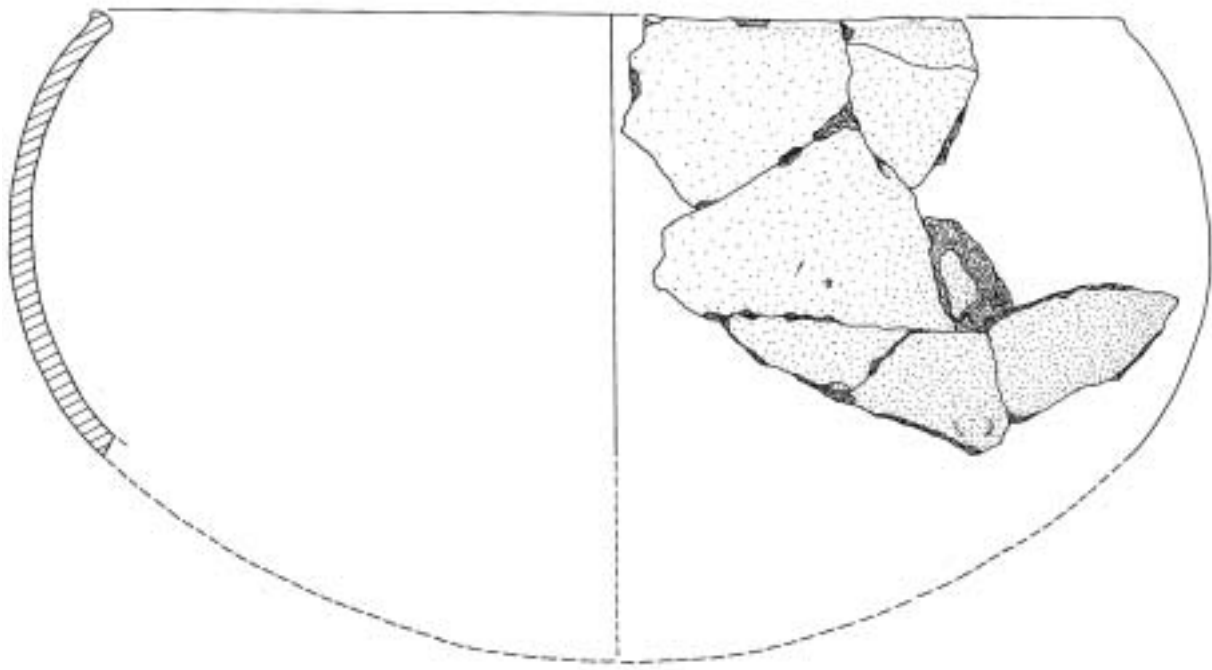


FIG. 101 A – Catálogo de formas cerâmicas – formas fechadas.



F.7

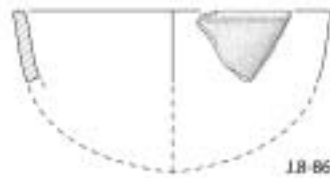


FIG. 101 A [cont.] – Catálogo de formas cerâmicas – formas fechadas.



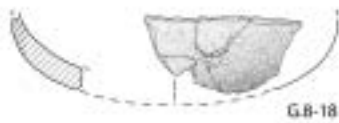
A.1.a

LB-45



A.1.b

LB-86



A.2

GB-18



A.3

LB-50

FIG. 101 B – Catálogo de formas cerâmicas – formas abertas.

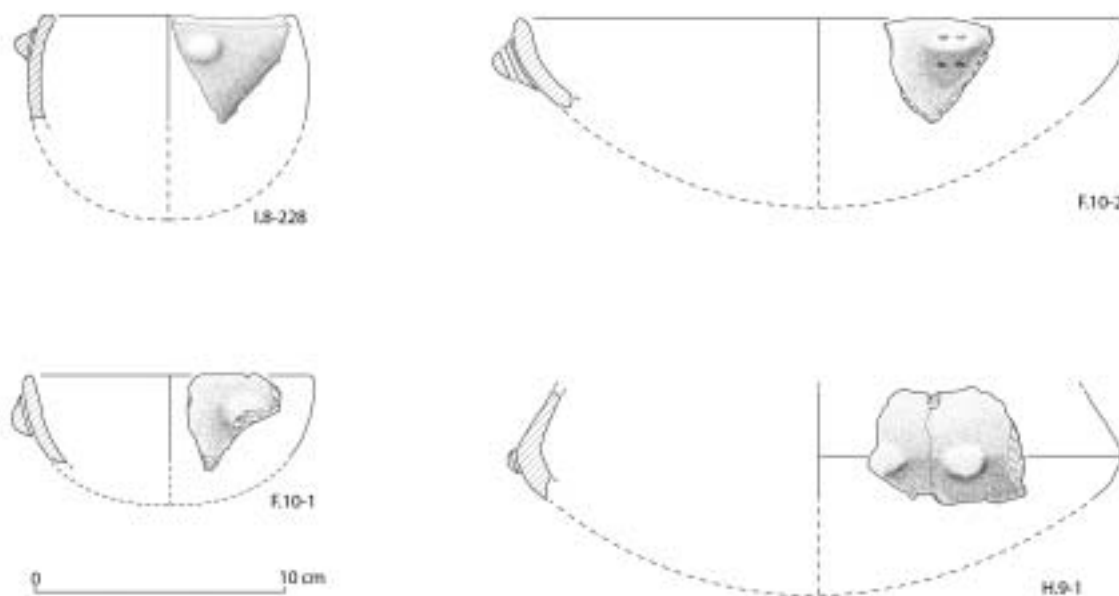


FIG. 101 C – Catálogo de formas cerâmicas – formas mamiladas.

grande dimensão e a dos restantes vasos justificou a criação de uma categoria própria. Basicamente, a forma fechada 7 corresponde a um tipo de recipientes frequente em povoados, mas muito raro em monumentos funerários, muito provavelmente devido ao espaço que ocuparia em áreas restritas, sendo uma derivação das taças em calote fechadas, das quais se distingue quase exclusivamente pela volumetria e pela suave exversão do bordo.

De uma forma sintética, distribuíram-se os recipientes pelas seguintes categorias:

Formas fechadas

- F.1: corresponde a recipientes genericamente *esferoidais*, com duas variantes, o *esferoidal simples* (F.1.a), basicamente um esférico muito alto, e o *globular* (F.1.b), caracterizado por um bordo exvertido, no caso de STAM-3 de pequenas dimensões.
- F.2: *esféricos altos*. As duas variantes identificadas (a, b) são mais teóricas do que reais. A primeira corresponde a esféricos altos providos de mamilos, mas a segunda só poderia ser identificada com total fiabilidade no caso de vasos inteiros. Na situação verificada em STAM-3, nada nos indica que não pudessem existir mamilos na parte em falta nos vasos, por vezes mais de 4/5 do original. De qualquer forma, pensou-se significativa e registou-se a diferença entre vasos mamilados e não mamilados, claramente estabelecida para outros monumentos e sítios.
- F.3: esta categoria engloba as *taças fechadas*, tendo sido criada uma variante para formas com menor índice de esbeltez e outra para formas que configuram verdadeiras taças em calote fechadas.
- F.4: esta categoria abrange a gama dos *esféricos achatados*, desde as *pré-formas*, em que o achatamento começa apenas a ser visível (F.4.a), até aquelas em que ele é absolutamente nítido.
- F.5: este grupo reúne as *formas carenadas*, divididas, como é habitual, em *vasos carenados* (F.5.a) e *taças carenadas* (F.5.b).
- F.6: os *vasos de colo estrangulado*, incluídos nesta categoria, têm alguns exemplares de fácil identificação, mas o estado de fragmentação de outros torna complexa a sua atri-

buição a esta forma, em Reguengos de Monsaraz bem conhecida no povoado calcólítico do Monte Novo dos Albardeiros.

- F.7: não é possível usar para os grandes recipientes deste grupo, basicamente *taças fechadas com ligeiro achatamento na vertical e bordo exvertido*, a designação de pote, uma vez que estes são normalmente recipientes de paredes mais espessas e boca estreita. Esta forma, presente em STAM-3 através de dois exemplares, recorda recipientes de evidente uso culinário muito recentemente identificados em associação à estrutura de combustão I de Xarez 12. É certo que aí se apresentam com mamilos de bordo, mas nada impede que eles tivessem presentes na parte ausente destes vasos.

Não se criou, como seria possível, uma oitava categoria, bem definida, dentro das formas fechadas, eventualmente contendo um conjunto de vasos que parecem ser troncocónicos ou cilindróides. Seria possível, e mesmo defensável, mas a dimensão dos fragmentos desaconselhou essa opção. Ainda assim, faz-se referência a um código F.8., *Grupo de formas indeterminadas*, que reúne estas e outras situações, quase todas verificadas para a Câmara.

QUADRO 42

Distribuição das formas cerâmicas catalogadas.

Código	Grupo	Variante	Tm	Cr	Cm	CmDF	Total
A.1.a.	Taças	Taças abertas	1	1	3	0	5
A.1.b.	Taças	Em capacete	0	0	1	0	1
A.2.	Taças	Muito abertas	1	1	1	0	3
A.3.	Pratos de bordo espessado	Almendrados	0	0	2	0	2
F.1.a.	Esferóides	Simple	2	0	8	2	12
F.1.b.	Esferóides	Globulares	0	2	2	0	4
F.2.a.	Esféricos altos	Simple	0	2	7	0	9
F.2.a.	Esféricos altos	Mamilados	0	0	1	0	1
F.2.b.	Esféricos altos	Bordo ligeiramente exvertido	0	1	1	0	2
F.3.a.	Taças fechadas	Paredes espessas	2	0	1	0	3
F.3.b.	Taças fechadas	Paredes finas	0	4	4	0	8
F.4.a.	Esféricos achatados	Pré-forma	0	1	0	0	1
F.4.b.	Esféricos achatados	Típico	0	0	1	0	1
F.5.a.	Formas carenadas	Vaso (mamilado)	1	0	0	0	1
F.5.a.	Formas carenadas	Vaso	1	1	6	0	8
F.5.b.	Formas carenadas	Taças carenadas	1	1	3	0	5
F.6.	Vasos de colo estrangulado		2	1	2	2	7
F.7.	Grandes taças fechadas		0	0	1	1	2
F.8	Indeterminados		1	0	14	0	15

Tm: Tumulus; Cr: Corredor; Cm: Câmara; CmDF: Câmara, depósito de fundação.

As formas abertas, consideravelmente minoritárias neste conjunto, foram resumidas a três categorias:

- A.1: *taças em calote*, com duas variantes, sendo a primeira uma forma clássica e a segunda reservada exclusivamente para as formas que apresentam uma ligeira exversão do bordo, o que cria uma, ainda que imprecisa, imagem de capacete invertido. É uma forma, aliás, também presente no conjunto cronologicamente síncrono do *tholos* OP-2b.
- A.2: criou-se esta categoria para um tipo de *taça muito aberta*, presente com exemplares pouco numerosos, mas estando um deles associado à deposição fúnebre Cm-3, «Marta».

- A.3: *pratos de bordo espessado*. Esta categoria, também identificada em vários outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, está representada por apenas dois exemplares.

A interpretação das percentagens relativas e da distribuição das diferentes categorias pelas distintas áreas do monumento decorre dos Quadros para o efeito elaborados. Convém igualmente, em termos gerais, rever a Fig. 63, com a distribuição das cerâmicas pela planta e perfil de STAM-3.

7.5.4.2. *As cerâmicas da fossa no interior da Câmara*

Fragmentos J.8-764, J.8-763, J.8-744, J.8-707, J.8-778. – Fig. 66

Todas as formas se incluem na categoria dos recipientes fechados. Apesar da fragmentação de alguns dos exemplares analisados, todas as reconstituições são fiáveis.

A homogeneidade da pasta era, em três casos, semi-compacta. Nos dois restantes recipientes, um apresentava uma pasta compacta e outro pouco compacta.

Sobre os componentes não plásticos, há que registar o facto de serem muito abundantes. Apesar da sua composição incluir sempre quartzo, quartzo hialino e micas, deve ser sublinhada a grande abundância do quartzo hialino, com fragmentos obtidos por trituração grosseira. Os componentes observados nas superfícies e nas fracturas indicam sempre a presença de exemplares de dimensão média, num dos casos misturados com outros de dimensão menor.

Se observarmos o alisamento das superfícies internas, normalmente as melhor conservadas, verificamos que duas delas se apresentam hoje rugosas, duas conservam vestígios de alisamento e outra apresenta engobe e, possivelmente, polimento posterior, ainda que o fragmento seja efectivamente muito pequeno para haver certezas absolutas. No entanto, não é provável que as superfícies desaparecidas oferecessem aspecto diferente.

Os bordos eram sempre não espessados, sendo que três deles foram considerados como aplanados. A direcção do bordo era recta em três casos e convergente nos restantes.

As dimensões foram avaliadas, nos cinco casos, pelo diâmetro externo da abertura, mas num dos recipientes foi possível uma reconstituição da dimensão do bojo, que atingiria os 34 cm. Trata-se, com efeito, do recipiente aparentemente de maiores dimensões de este pequeno conjunto.

A dimensão dos recipientes só pode ser integralmente entendida, no caso das formas fechadas, quando se consegue determinar a altura dos recipientes. No entanto, considera-se que a dimensão de três destes vasos, lida aproximadamente através do diâmetro, aponta para a sua filiação no grupo das formas grandes. Com 20, 21,4 e 22 cm, os vasos J.8-707, -744, -723 teriam, muito provavelmente dimensão idêntica, praticamente igual no caso dos dois primeiros. J.8-778 foi o único recipiente que permitiu uma leitura aproximada da sua altura original. Com 26 cm de altura provável e um diâmetro externo de abertura idêntico, trata-se efectivamente de um recipiente de grande capacidade, ainda que as reais capacidades de potes de colo estrangulado só possam ser realmente avaliadas quando se possui indicação das dimensões da forma esférica ou esferóidal que se associa ao colo, normalmente cilíndrico.

A espessura dos bordos nem sempre é indicadora da robustez dos recipientes. Neste caso, oscila entre os 0,4 e os 0,9 cm. O que configura uma robustez aceitável, mas não excessiva para as suas dimensões.

O conjunto proveniente da fossa de fundação na Câmara de STAM-3 apresenta-se com uma grande homogeneidade, ainda que algumas das suas características registem dissonâncias.

Um ponto comum, aliás partilhado com quase todas as cerâmicas de STAM-3 é sem dúvida a natureza dos componentes não plásticos, estando o quartzo hialino representado em proporções aparentemente mais elevadas que nos recipientes com outras proveniências dentro do monumento.

São cinco formas fechadas, distribuíveis por três categorias gerais:

1. esferoidais (dois);
2. vasos de colo estrangulado (dois).
3. grandes taças fechadas (um).

À excepção de J.8-764, cujo diâmetro externo da abertura não ultrapassa 4,2 cm, todos têm diâmetros consideráveis, entre 20 e 26 cm, o que corresponde, para formas fechadas, a recipientes de grandes dimensões.

O acabamento das superfícies dos cinco vasos, como acontece na generalidade das cerâmicas recolhidas em STAM-3, oferece grandes dificuldades de identificação, uma vez que os fenómenos pós-deposicionais afectaram consideravelmente as aguadas, em alguns casos apenas identificáveis pelos seus restos, formando pequenas «ilhas» isoladas em superfícies muito erodidas (Fig. 141:1). Os engobes, quando detectáveis, são poucos espessos e registou-se apenas um caso neste pequeno conjunto, em J.8-764, o globular de menores dimensões. Verificou-se, porém, em outros conjuntos, que as formas de pequena dimensão foram, provavelmente, escolhidas para este tipo de tratamento.

A situação no que respeita ao estado de conservação de estes cinco recipientes é particularmente bizarra, por se tratar de restos de vasos cuja dimensão contrasta com as condições de relativa segurança da deposição. Quatro são apenas bordos e apenas um conserva ainda parte do bojo, o que conduz naturalmente à clássica questão de saber onde está o resto. Normalmente, esta questão não se coloca em monumentos megalíticos, estando as cerâmicas quase sempre completas. No entanto, no grande conjunto recolhido na Anta Grande do Olival da Pega, observa-se que tanto as cerâmicas de formas atribuíveis a uma fase mais antiga (esféricos altos e globulares) como as filiáveis em fases subsequentes se encontram por vezes extremamente fragmentadas. Muitas delas é certo que não tanto como as de STAM-3, ainda que alguns recipientes estejam apenas representados por pequenos fragmentos (Leisner e Leisner, 1951, XXVII: 20, 26, 27...; XIX: 2, 3, 4, 13, 15, 19...).

Neste caso concreto, justifica-se largamente que nos perguntemos se no monumento seriam realmente depositados vasos inteiros ou apenas fragmentos deles. A situação foi discutida anteriormente (Gonçalves, 1992a), a propósito de outros artefactos, tendo sido admitida a possibilidade de, em segundas e definitivas inumações, ter sido incluído espólio votivo que acompanhava o morto na sua primeira fase de decomposição. Mas STAM-3 é um monumento de primeiras inumações, pelo que esta possibilidade não se aplica aqui.

Pela natureza especial da sua localização, este conjunto cerâmico reveste-se da maior importância e não deixa de ser significativo que apenas um dos recipientes seja de pequenas dimensões, uma vez que a distribuição de outros vasos na Câmara do monumento corresponde a realidades diferentes e, sobretudo, a um meio aberto, onde novas deposições poderiam alterar, e certamente alteraram, o estado do espólio correspondente às anteriores.

7.5.4.3. *As cerâmicas da Câmara*

Das 56 formas reconhecíveis identificadas na Câmara, oito são formas abertas e 48 formas fechadas. 14% correspondem a formas abertas e 86% a formas fechadas, números que não se afastam muito dos registados no Corredor.

Apenas um vaso praticamente completo foi aqui recolhido. Das restantes 55 formas, 39 são bordos, de maior ou menor dimensão. Sete são bordos com o bojo associado, apenas dois apresentam inequivocamente, para além dos bordos e dos bojós, os fundos, havendo ainda a registar três bordos com carena e quatro carenas sem bordo.

Far-se-á, primeiro, referência a dois vasos que, pelo seu contexto, justificam particular atenção, ambos datados com fiabilidade, por extensão, dos dois últimos séculos do III milénio: a taça I.8-95 e o esferoidal globular I.8-II4.

O único vaso inteiro da Câmara, a taça I.8-95, estava claramente associado ao enterramento Cm-3, «Marta». É portanto uma peça tardia dentro do terceiro milénio e datada entre 2310 e 2050 cal BC, a dois sigmas (Beta-166418, sobre *patela* direita do esqueleto). O estado de conservação de I.8-95 deve-se, em grande parte, às mesmas razões que levaram a preservação da deposição funerária Cm-3: a proximidade com o segundo esteio da Câmara, que garantiu a protecção do conjunto.

Por um extraordinário acaso, quando Ecm-2 foi arrancado por uma máquina no início da despedrega que ia provocando a destruição integral das antas da Herdade de Santa Margarida, a deslocação de terras não foi muito violenta, talvez por o esteio ter sido arrancado na vertical e o reajuste de sedimentos ter sido imediato.

Esta peça, significativamente uma das oito abertas identificadas na Câmara, apresenta uma pasta homogénea, com abundantes componentes não plásticos, alguns de natureza idêntica à das restantes cerâmicas de STAM-3, mas com uma trituração que os reduziu a dimensões menores. Por outro lado, os componentes não plásticos de quartzo hialino são muito menos frequentes, pelo menos nas superfícies observáveis, que em todas as outras cerâmicas provenientes de STAM-3. Existe muita biotite, feldspato potássico, muita flogopite (hexágonos perfeitos). Também ao contrário do que se verificou em muitos outros fragmentos cerâmicos de STAM-3, não se detectaram turmalinas. Deve também sublinhar-se o cuidadoso alisamento das superfícies e a cozedura moderadamente oxidante. Apesar da forma desta taça fechar ligeiramente, é apenas essa ligeira inflexão que impede de a incluirmos na categoria das taças de beber, comuns nos povoados fortificados da primeira metade do III milénio e de que o Cerro do Castelo de Santa Justa é um excelente exemplo.

Estes dados permitem evidenciar um fabrico distinto, tendo o Prof. Paulo Fonseca sugerido mesmo que os componentes não plásticos de I.8-95 seriam provenientes de afloramentos distintos, provavelmente de gnaisses.

Por outro lado, há ainda que observar que a taça apresenta sinais evidentes de manipulação pelo oleiro com o barro ainda fresco, particularmente dois jogos de impressões de dois dedos, provavelmente do indicador e do médio da mão direita, localizados em duas áreas junto ao bordo.

O esferoidal globular associado ao cão pode ser datado entre 2280-1960 cal BC, a dois sigmas (Beta-166420, sobre falanges do cão, membro posterior direito). Apresenta também características específicas, ainda que distintas da taça I.8-95. Foram detectados, para além do quartzo e do quartzo hialino, biotite, muita flogopite, bronzite e feldspato potássico. No interior de este recipiente, foram reconhecidos restos de enxofre, um elemento inflamável e corrosivo.

A homogeneidade das pastas cerâmicas distribui-se por três categorias, dividindo-se a primeira em duas subcategorias: a pasta era homogénea em 15 dos casos estudados, semi-compacta em 35 e pouco homogénea em dois. A homogeneidade não foi possível de determinar em quatro situações, por se encontrar nos limites identificáveis do compacto e do semi-compacto, provavelmente devido a uma mistura mais irregular das argilas e dos componentes não plásticos.

Os componentes não plásticos, quase sempre muito abundantes, mas com algumas situações em que o seu número pareceu francamente menor, eram, em todos os casos, constituídos por quartzo, quartzo hialino e micas. No entanto, três recipientes justificam uma referên-

cia específica. São eles I.8-95 (taça associada à deposição Cm-3), I.8-114 (esferoidal de bordo exvertido associado ao cão) e I.8-229 (um grande esférico encontrado sob o esteio Ecm-7, numa área correspondente a uma provável alteração pós-deposicional). Este fragmento estava associado a I.8-228*, um recipiente mamilado que apresentava também peculiaridades quanto aos componentes da pasta e associado à «pedra almofada» I.8-290.

Não é impossível que estes três últimos artefactos fizessem parte de uma deposição funerária cujos restos esqueléticos não foram identificados.

O acabamento dos vasos cerâmicos, lido nas superfícies internas, as que melhor conservam as aplicações que se seguem às moldagens das peças, mostrou apenas oito situações referentes a superfícies rugosas, contra 35 alisadas. Em nove, a aguada mantinha-se ainda relativamente bem conservada e em quatro identificaram-se restos de engobe (ou de aguadas muito espessas, dificilmente destrincháveis dos engobes).

A cozedura das cerâmicas foi feita num ambiente predominantemente oxidante (38 casos), contra uma minoria (10) de cozeduras redutoras, tendo ainda sido observadas, em algumas situações, cozeduras oxidantes com arrefecimento redutor (10 casos) e cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante (seis casos).

Tudo isto indica que, com elevado grau de probabilidade, nenhuma de estas cerâmicas foi cozida ao forno, mas em fogueiras abertas e fechadas (estas claramente em menor número).

Dos 52 fragmentos que conservavam o bordo, verificou-se que 48 apresentavam bordos não espessados, dois apresentavam bordos espessados externamente e dois bordos «almendrados», ainda que com dimensões moderadas. Os 92% de fragmentos referentes aos bordos não espessados traduzem assim uma situação esmagadora.

A direcção do bordo apresenta uma clara maioria de tipos convergentes, obtidos pelo fechar dos planos das paredes internas e externas, numa direcção convergente, quase sempre simétrica. 60% dos bordos pertencem a esta categoria, 25% apresentam um grau maior ou menor de encurvamento para o exterior, distribuindo-se entre as formas típicas do bordo exvertido e outras em que o direccionamento para o exterior é muito pequeno, ainda que suficiente para originar esta classificação.

Apenas três dos fragmentos apresentavam perfurações, nenhuma delas tendo que ver com reparações de vasos quebrados.

A percentagem de vasos com mamilos é muito baixa, traduzindo os quase 4% apenas duas presenças efectivas.

Apenas sete recipientes apresentavam carenas, sendo que algumas correspondiam a vasos carenados (dois) e outros a taças (cinco). De qualquer formas, as carenas não representam rupturas abruptas dos planos, mas são praticamente todas objecto de adossamento. Sendo parecidas, não são em absoluto idênticas às recolhidas em povoados de fins do IV milénio e das primeiras décadas do III.

As dimensões dos recipientes, lidas através do diâmetro externo da boca (entre os 5 e os 38,2 cm), oscilavam entre o pequeno e o grande. Estas medidas extremas correspondem, na dimensão inferior, ao globular de bordo exvertido associado ao cão e, na dimensão maior, a um grande vaso esférico de bordo aplanado (J.8-553).

As espessuras dos bordos oscilam entre o 0,3 e os 1,8 cm, mas correspondendo as dimensões de espessura ultrapassando 1 cm apenas a um grande esférico, provavelmente um pote (J.8-553, com 1,5 cm), e a dois pratos de bordo espessado (J.8-418, com 1,6 e I.8-80, com 1,8 cm).

As designações das formas cerâmicas do IV e do III milénio (como das que lhes são anteriores) não se encontram estabilizadas, sendo preferível o uso de designações genéricas, que, apesar de excessivamente amplas, são utilizáveis como entidades de reconhecimento rápido. Não é este o contexto adequado para uma revisão referente a nomenclaturas, situação que deveria ser

reservada para uma *workshop* ou Colóquio específicos. Continua assim a usar-se um conjunto de referências tão pouco subjectivas quanto possível, cujo entendimento deve obrigatoriamente ser acompanhado pela leitura do Catálogo de formas.

A classificação geral das formas das cerâmicas recolhidas na Câmara de STAM-3 apresenta os seguintes números:

QUADRO 43

Contagens das cerâmicas por formas e variantes.

Código	Grupo	Variante	N.º
A.1.a.	Taças	Taças abertas	3
A.1.b.	Taças	Em capacete	1
A.2.	Taças	Muito abertas	1
A.3.	Pratos de bordo espessado	Almendrado	2
F.1.a.	Esferoidais	Simples	2
F.1.b.	Esferoidais	Globulares	2
F.2.a.	Esféricos altos	Simples	7
F.2.a.	Esféricos altos	Mamilados	1
F.2.b.	Esféricos altos	Bordo ligeiramente exvertido	1
F.3.a.	Taças fechadas	Paredes espessas	1
F.3.b.	Taças fechadas	Paredes finas	4
F.4.b.	Esféricos achatados	Típico	1
F.5.a.	Formas carenadas	Vasos	6
F.5.b.	Formas carenadas	Taças	3
F.6.	Vasos de colo estrangulado		2
F.7.	Grandes taças fechadas		1
F.8.	Indeterminados		14

Verifica-se assim que apenas as formas do Grupo F.4.a, na realidade uma pré-forma do grupo dos esféricos achatados, se encontra ausente das cerâmicas da Câmara.

7.5.4.4. As cerâmicas do Corredor

O estado das cerâmicas do Corredor é quase sempre o de fragmentos de forma impossível de identificar, tendo sido apenas reconhecidos 11 bordos, dos quais apenas dois conservavam bojo e parte do fundo.

As formas das cerâmicas recolhidas no Corredor, distribuem-se pelos seguintes Grupos

QUADRO 44

Grupos de cerâmicas provenientes do Corredor de STAM-3.

Código	Grupo	Variante	N.º
A.1.a.	Taças	Taças abertas	1
A.2.	Taças	Taças muito abertas	1
F.1.b.	Esferoidais	Globulares	2
F.2.a.	Esféricos altos	Simples	2
F.2.b.	Esféricos altos	Bordos ligeiramente exvertidos	1
F.3.b.	Taças fechadas	Paredes finas	4
F.4.a.	Esféricos achatados	Pré-forma	1
F.5.a.	Formas carenadas	Vaso	1
F.5.b.	Formas carenadas	Taças carenadas	1
F.6.	Vasos de colo estrangulado		1

Estão ausentes os Grupos A.l.b, Taças abertas, em capacete, A.3, Pratos de bordo espessado, F.1.a, Esferoidais simples, F.3.a, Taças fechadas, de paredes espessas, F.4.b, Esféricos achatados, F.7, Grandes taças fechadas, e F.8, Formas indeterminadas.

7.5.4.5. *As cerâmicas do Tumulus*

O *Tumulus* de STAM-3 representa, sob o ponto de vista artefactual, uma situação completamente distinta dos conjuntos identificados quer na Câmara quer no Corredor. Com efeito, é praticamente indiscutível que a totalidade dos artefactos cerâmicos aí recolhidos representa os traços materiais das violações que o monumento sofreu. Tal é evidente a partir do grau de fragmentação que os artefactos apresentam, mas também pela própria posição altimétrica: alguns fragmentos são originários da superfície, estando sobre o topo da Câmara ou a entrada do Corredor. Em 11 registos com forma reconstituível, dois são formas abertas e nove fechadas. A percentagem de formas fechadas é assim de 82% para os 18% das formas abertas. As percentagens registadas para a Câmara são exactamente de 87% para as fechadas e 13% para as abertas. E para o Corredor, 92% para as fechadas contra 8% para as abertas.

Estas percentagens são obviamente compatíveis e evidenciam, como sempre nos conjuntos megalíticos ortostáticos mais avançados, a presença de formas abertas, com índices baixos nos conjuntos mais antigos, mas também, nestas situações, o fraco índice de presença de pratos de bordo espessado e taças em calote abertas.

No que respeita à homogeneidade da pasta, cinco apresentavam pastas relativamente compactas e outros dois uma pasta pouco compacta.

Os abundantes componentes não plásticos observados nestas cerâmicas foram sempre o quartzo, o quartzo hialino e micas diversas, em dimensões pequenas (em seis casos) e médias (em cinco). À excepção de E.13-1, em que se encontraram adicionalmente outros componentes.

As superfícies apresentavam-se rugosas em sete dos fragmentos, sendo alisadas nos restantes. Dois deles representavam uma categoria que não tem que ver com a cerâmica original, mas claramente com fenómenos pós-deposicionais que implicaram perda das aguadas, com conseqüente rugosidade da superfície.

As cozeduras são oxidantes em nove dos casos, e, nos restantes, respectivamente, oxidante com arrefecimento redutor e redutora, o que não tem implicações interpretativas particulares.

O espessamento do bordo foi verificado em apenas um exemplar, encontrado à superfície (SUP-15), sendo os restantes de bordo não espessado. Três dos bordos não espessados apresentavam um encurvamento maior ou menor para o exterior.

Dos 11 fragmentos, três apresentavam mamilos ou saliências para prensão (F. 1 0-2, um mamilo horizontal com dupla perfuração vertical, H.9-1, dois mamilos apareados). Apenas dois fragmentos apresentavam rupturas de plano, *carenas*.

Os recipientes apresentavam diâmetros variando entre os 24 e os 4,9 cm, correspondendo a sua maioria a formas que se distribuíam entre o pequeno e o relativamente grande.

A robustez dos bordos, lida a partir da sua espessura, indicava uma grande concentração entre os 0,5 e os 0,8 cm, correspondendo a bordos robustos, ainda que não excessivamente.

Numa análise global das classificações possíveis, verificamos que se distribuem pelas seguintes categorias:

QUADRO 45
Cerâmicas do *Tumulus*.

Código	Grupo	Variante
A.1.a	Taças	Taças abertas
A.2.	Taças	Taças muito abertas
F.1.a.	Esferoidais	Simples
F.3.a.	Taças fechadas	Paredes espessas
F.5.a.	Formas carenadas	Vaso (mamilado)
F.5.a.	Formas carenadas	Vaso
F.5.b.	Formas carenadas	Taças carenadas
F.6.	Vasos de colo estrangulado	
F.8.	Indeterminadas	

Estão ausentes do *Tumulus* os grupos A.1.b, Taças abertas, em capacete, A.3, Pratos de bordo espessado, F.1.b, Esferoidais globulares, F.2.a, Esféricos altos simples, F.2.b, Esféricos altos de bordo ligeiramente exvertido, F.3.b, Taças fechadas de paredes finas, F.4.a, Esféricos achatados, pré-forma, F. 4. b, Esféricos achatados, F. 7, Grandes taças fechadas.

7.5.4.6. *Breves considerações sobre atribuições cronológico-culturais*

As formas cerâmicas identificadas em STAM-3 configuram uma situação muito clara. Apesar de algumas formas, e particularmente variantes, se encontrarem em monumentos e sítios tanto da última metade do IV milénio como da primeira metade (e até mesmo da segunda) do III milénio, existe uma maioria nítida de unidades significantes que se referem em exclusivo ao III milénio. Se as formas não bastassem para que o afirmássemos sem reservas, as datações pelo radiocarbono confirmariam esta asserção.

Numa perspectiva exclusivamente ancorada nas datações de ¹⁴C, o monumento teria sido construído na primeira metade do segundo século do III milénio a.n.e. e utilizado durante um intervalo de tempo máximo estimado em cerca de 400 anos. À excepção da taça I.8-95 e do esferoidal globular I.8-II4, a esmagadora maioria das cerâmicas pode ser atribuída a esta fase de uso do monumento. E nenhuma das formas contrasta com esta atribuição.

É certo que conhecemos muito mal as cerâmicas da segunda metade do III milénio, à minguia de monumentos e sítios datados com estes parâmetros. Mas as recentes datações obtidas para a última utilização da Câmara da Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 2003b) revelaram, para os parâmetros 2480 a 2150 cal BC a dois

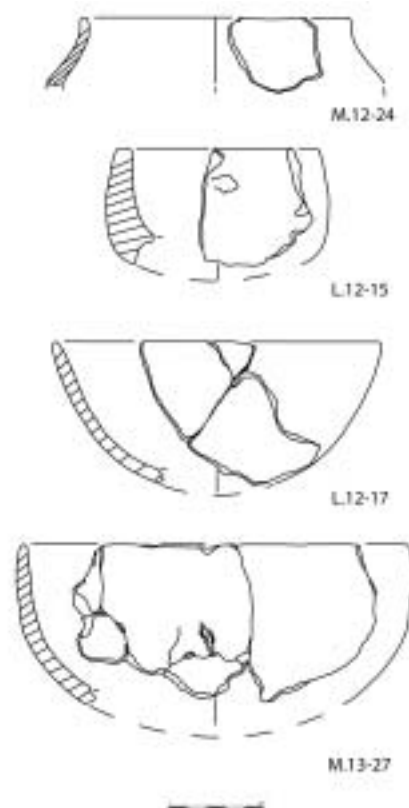


FIG. 102 – Cerâmicas da última utilização da Câmara de Cebolinhos 2 (seg. Gonçalves, 2003b).

sigmas, parâmetros fundidos de duas datações referentes a enterramentos no mesmo plano, um conjunto de cerâmicas que inclui cerâmica simbólica e formas compatíveis com parâmetros amplos. Estamos aqui, de qualquer forma, num momento imediatamente anterior à última ocupação de STAM-3, pelo que a comparação com conjuntos mais próximos (a 2.ª fase do Monte Novo dos Albardeiros, por exemplo), poderá ser mais esclarecedora.

7.5.5. As placas de xisto gravadas

7.5.5.1. De novo a questão das placas de xisto votivas

A análise das placas de xisto gravadas é um tema recorrente no estudo das práticas funerárias das antigas sociedades camponesas do Centro e Sul do actual território português, ainda que mesmo o observador menos atento se espante certamente com a escassez de descrições precisas, até em casos em que a raridade das formas e motivos o justificaria obviamente.

A sua presença em outros lugares, particularmente em Badajoz e Huelva, até mesmo em Salamanca, é uma questão que levantou interesses diversificados e justificou alguns textos recentes, incluindo diversas perspectivas, talvez nem sempre adequadas aos factos disponíveis.

Deve-se agora sublinhar o que hoje parece ser uma evidência: apesar de alguns autores associarem as placas de xisto gravadas ao megalitismo alentejano, referido como um bloco, a verdade é que em muitos dos monumentos conhecidos e escavados não existem quaisquer placas, admitindo-se assim, sem risco de erro, e para acautelar todas as possibilidades, três tipos de situação:

1. monumentos de construção e uso claramente anteriores à generalização do uso de placas de xisto gravadas nas deposições funerárias;
2. monumentos sem placas, mas provavelmente contemporâneos de outros onde a sua presença foi registada;
3. monumentos com placas de xisto gravadas associadas às deposições funerárias.

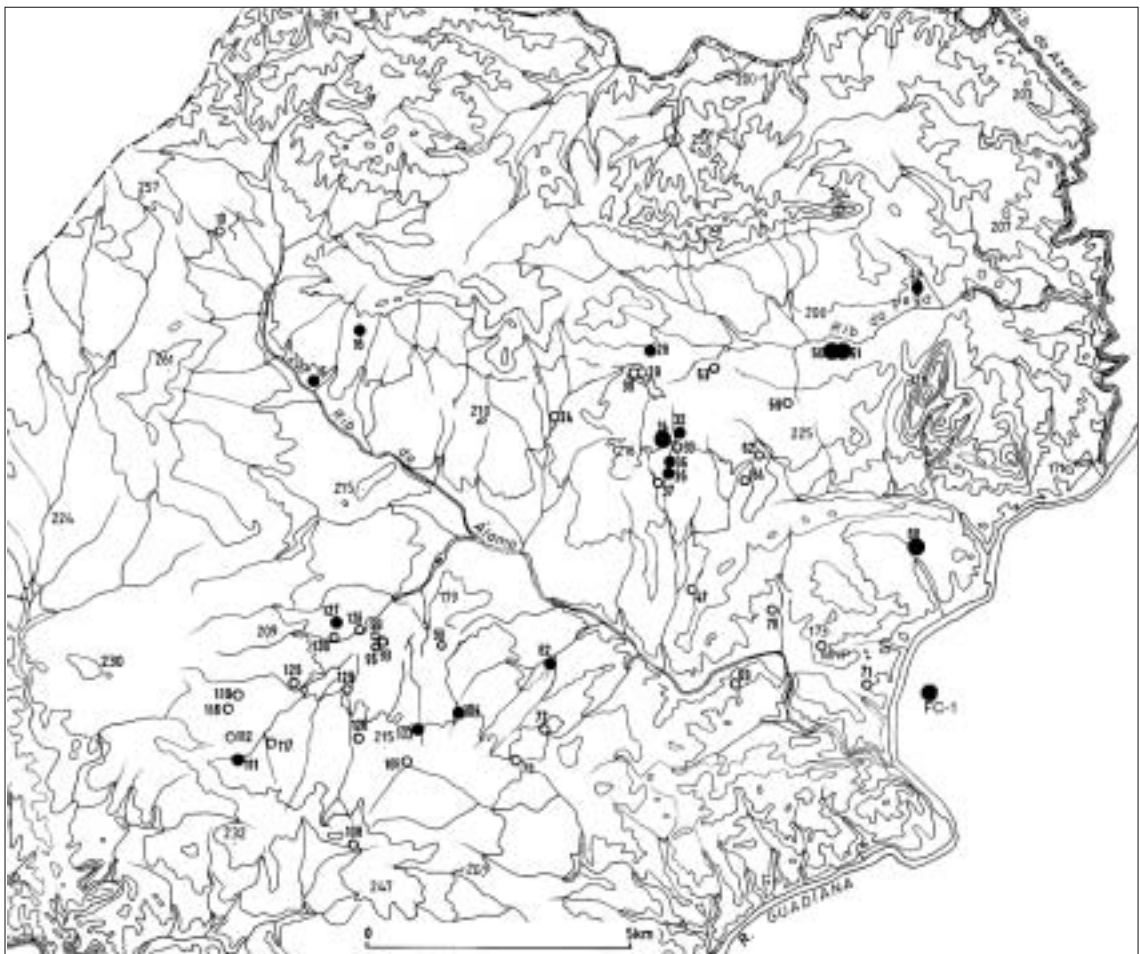
Que significam estas possibilidades?

Bem, no caso do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, há claramente monumentos cuja utilização, de uma homogeneidade indiscutível, cultural e cronologicamente, é claramente anterior à generalização do uso das placas, tal é o caso de Poço da Gateira 1 (Leisner, 1951; Gonçalves, 1999) e da Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2002a). Mesmo as antas da Herdade dos Gorginos, que têm diversas ocupações, foram construídas e usadas inicialmente num momento anterior às placas e usadas de novo, muito provavelmente, num momento em que a utilização das placas tinha já caído em desuso.

A segunda categoria é sem dúvida a mais difícil de definir, porque se baseia parcialmente em pressupostos extremamente subjectivos, sendo a arquitectura megalítica muito mais diversificada do que se tem vindo a referir e o polimorfismo síncrono uma realidade muito mal estudada. Digamos que existe uma possibilidade, derivada de indícios arquitectónicos (registados sob reserva para as antas, seguros para os *tholoi*) e artefactuais (esses de maior fiabilidade), que parece sugerir que monumentos como Areias 5, 6 e 11, Comenda 2b, Quinta 1 e Vale Carneiro 1 sejam contemporâneos dos monumentos onde se exumaram placas de xisto gravadas, ainda que as não tenham. Porém, na transição do IV para o III milénio o devir torna-se indiscutivelmente mais rápido e é natural que ocorram artefactos técnicos específicos e, depois deles, mas sem que seja possível detectar *quanto tempo* depois, artefactos ideotécnicos, como as placas de xisto gravadas.

De entre estas indicações, sobressaem efectivamente duas contagens:

1. se considerarmos apenas as relações presença – ausência, teremos, num total de 39 monumentos escavados em Reguengos de Monsaraz (individualizando na contagem os *tholoi* anexos às antas), 21 monumentos sem placas para 18 que as têm;
2. se, neste contexto, aceitássemos a distribuição do megalitismo de Reguengos de Monsaraz por, no mínimo, duas grandes fases distinguíveis artefactualmente (e o número de fases, ou de contextos sequenciais, é certamente bem maior...), teríamos uma primeira, representada por 15 monumentos sem placas, e uma segunda, onde seis não teriam placas (mas podendo teoricamente, pela análise dos contextos específicos, tê-las) e dezoito monumentos com placas. Estes últimos monumentos distribuem-se ainda por diferentes ordens de grandeza quanto ao número de placas, uma vez que o maior número ocorrido num monumento (Olival da Pega 1), 134, é seguido a considerável distância por Passo 1 e Cebolinhos 2, ambas com 31 placas e STAM-3, apenas com 22. As 42 placas, número mínimo, de Olival da Pega 2 não chegam a esta contagem, porque se distribuem por três monumentos individualizados (dois grandes *tholoi* com placas e um micro-*tholos* com apenas um fragmento – que aliás cola com outro de um dos *tholoi* maiores;
3. quanto às «placas loucas» (Gonçalves, 2003a), apenas em STAM-3, Farisoa 1b, OP-1 e OP-2 e Xarez 1 se identificaram exemplares, isto é: em 18 monumentos com placas, apenas 5 apresentam exemplares com a «síndrome das placas loucas», sendo de longe as de STAM-3 e OP-1 as mais características.



MAPA 5 – Distribuição dos monumentos com placas no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (pontos a negro), em contraposição aos monumentos comprovadamente sem placas. Suprimiram-se intencionalmente da cartografia os monumentos não escavados (base cartográfica, Gonçalves, 1992, primeiramente publicado em Gonçalves, 2003a).

É indispensável que se fale aqui de um monumento mais que excêntrico (em todos os sentidos possíveis...), a Anta 1 da Fábrica da Celulose (Mourão). Escavada recentemente (Oliveira, 2000), esta pequena anta fica efectivamente na margem esquerda do Guadiana, mas tão cerca dela e com visibilidade directa para a Anta 3 do Piornal (na outra margem), que difícil será integrá-la num inexistente grupo megalítico de Mourão, uma área intensamente prospectada por Jorge de Oliveira e pelas diversas equipas que procederam a levantamentos na área a inundar pela albufeira do Alqueva, algumas delas de elevada qualidade e com excelentes conhecimentos de terreno (e cito, para além do próprio Jorge de Oliveira, Carlos Tavares da Silva, Joaquina e Antónia Soares).

São justamente provenientes da Anta 1 da Fábrica da Celulose dois fragmentos de «placas loucas». E, pelas suas particularidades (pertence cada um a seu tipo), estes fragmentos tornam esta anta um caso praticamente único no contexto específico que aqui se estuda.

Será errado considerar esta anta como um monumento ultraperiférico do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz?

A minha opinião vai em sentido contrário.

QUADRO 46

Presença confirmada, presença admissível, mas não constatada, e ausência de placas de xisto gravadas em monumentos escavados do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

Monumento	Tipo	N.º	S/ placas	S/ placas, mas...	Com placas	Referência
Areias 11	Anta	99	–	●	–	Leisner, 1951
Areias 5	Anta	93	–	●	–	Leisner, 1951
Areias 6	Anta	94	–	●	–	Leisner, 1951
Areias 7	Anta	95	●	–	–	Leisner, 1951
Azinheira 1	Anta	15	–	–	8	Pina, 1963
Belhoa 1	Anta	52	–	–	13	Gomes, 1977
Cebolinhos 1	Anta	103	–	–	31	Leisner, 1951
Cebolinhos 2	Anta	104	●	–	>6*	Gonçalves, em escavação
Comenda 1	Anta	35	–	–	4	Leisner, 1951
Comenda 2	Anta	36	–	–	5	Leisner, 1951
Comenda 2b	Tholos	36b	–	●	3	Leisner, 1951
Duque 1	Anta	28	–	–	2	Pina, 1961
Fábrica da Celulose 1	Anta	S/n	–	–	4+35 (15?)*	Oliveira, 2000, p. 216-218
Farizoa 1	Anta	111	–	–	5	Leisner, 1951
Farizoa 1b	Tholos	111b	–	–	2	Leisner, 1951
Farizoa 6	Anta	116	●	–	–	Leisner, 1951
Farizoa 7	Anta	117	●	–	–	Leisner, 1951
Gorginos 1	Anta	127	–	–	1	Leisner, 1951
Gorginos 3	Anta	129	●	–	–	Leisner, 1951; Gonçalves, 1999
Gorginos 4	Anta	130	●	–	–	Leisner, 1951
Monte Novo do Piornal	Anta	135	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Olival da Pega 1	Anta	50	–	–	134	Leisner, 1951; Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2a	Anta	51	–	–	9	Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2b	Tholos	51b	–	–	22	Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2d	Tholos	51d	–	–	11	Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2e	Tholos	51e	–	–	1?	Gonçalves, 1999

QUADRO 46 [Cont.]

Presença confirmada, presença admissível, mas não constatada, e ausência de placas de xisto gravadas em monumentos escavados do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

Monumento	Tipo	N.º	S/ placas	S/ placas, mas...	Com placas	Referência
Passo 1	Anta	82	–	–	31	Leisner, 1951
Piornal 1	Anta	69	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Piornal 2	Anta	70	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Piornal 3	Anta	71	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Poço da Gateira 1	Anta	29	●	–	–	Leisner, 1951; Gonçalves, 1999
Poço da Gateira 2	Anta	30	●	–	–	Leisner, 1951
Quinta 1	Anta	24	–	●	–	Leisner, 1951
Santa Margarida 1	Anta	32	–	–	9	Leisner, 1951; Gonçalves, 2002a
Santa Margarida 2	Anta	33	●	–	–	Gonçalves, 2002a
Santa Margarida 3	Anta	34	–	–	22*	Gonçalves, esta monografia.
Vale Carneiro 1	Anta	77	–	●	–	Leisner, 1951
Vidigueiras 1	Anta	125	●	–	–	Leisner, 1951
Vidigueiras 2	Anta	126	●	–	–	Leisner, 1951
Xarez 1	Anta	68	–	–	31*	Gonçalves, em estudo
TOTAIS	39		15	6	18+1 monumentos, >339+15 placas	

18 monumentos (+ 1, se contarmos com a Anta Celulose 1), com um total de 339 placas (354, se contarmos com as 15 da Anta da Fábrica da Celulose 1). Todos os números devem ser considerados como números mínimos. Em casos particularmente óbvios, acrescentou-se um asterisco à contagem final. No caso da Anta da Fábrica da Celulose, o autor separou as placas inteiras dos fragmentos, mas não contabilizou quantas possíveis placas estes representariam. Por isso, o número das placas entra claramente na categoria de «superior a» e foi calculado a partir dos exemplares desenhados e constantes das cópias das Estampas originais amavelmente cedidas pelo Autor. Os números de inventário referem-se ao inventário dos Leisner, prosseguido com a recentemente identificada Anta do Monte Novo do Piornal (a que foi, logicamente atribuído o n.º 135).

No que se refere às placas de xisto gravadas recolhidas nas antas de Reguengos de Monsaraz, dediquei-lhes alguns estudos específicos, nomeadamente em 1992 e 1999, mas supunha só voltar ao tema com a monografia sobre o complexo megalítico do Olival da Pega. A escavação da Anta 2 da Herdade de Santa Margarida e a revisão do espólio da Anta 1 sugeriram algumas questões, particularmente de ordem cronológica. O espólio da Anta 3, porém, obriga a antecipar algumas das questões que se previam para uma amostra maior, uma vez que a importância do conjunto em termos formais o exige.

Para já, e recuperando algumas observações de 1992 (Gonçalves, 1992, p. 72-92), recordaria que, em algumas situações, as placas gravadas com motivos geométricos reúnem componentes significantes por vezes muito bem diferenciados.

Partindo do princípio, cada vez menos polémico, que elas representam uma figura semelhante à humana, poderemos começar por individualizar duas grandes famílias nas placas.

A primeira é a das placas recortadas, as mais obviamente antropomórficas do conjunto. Nelas, os ombros aparecem sempre definidos através de um corte simétrico na placa em curso de execução. Esse corte apresenta diversas formas de execução, que variam de um traçado praticamente recto até a formas oblíquas em ângulo diferentemente agudo, o mais acentuado sendo o da grande placa J.8-667, de STAM-3. Em alguns casos, como a da placa G.9-6 do Corredor de OP-2 (Gonçalves, 1999, p. 109), os cortes oblíquos foram feitos com uma retirada mínima de massa, com pequenos entalhes, aparecendo os ombros quase colados ao «corpo» e à «cabeça». A placa de ombros direitos de Cebolinhos 1 (Fig. 103:3) tem uma cabeça pequena e uma paginação que levanta questões complexas, e a que se voltará em breve.

Como os Leisner tinham já notado, estas placas apresentam frequentemente decorações pouco convencionais, são mesmo por vezes gravadas nas duas faces (como no referido caso de OP-2 ou STAM-3) e integram elementos raros na gramática decorativa das placas, caso dos motivos escalariformes convergentes do topo de STAM-3 J.8-667. Outro tipo destas placas recortadas é aquele por vezes designado por «placas fenestradas», com recortes internos separando os braços do corpo da placa. Até agora são conhecidas sobretudo no Alto Alentejo, mas a sua matéria prima é geralmente outra, por vezes o grés, certamente pela dificuldade em trabalhar de esta forma o xisto ardosiano.

A segunda família reúne as placas de contorno regular e são elas, pelo seu número largamente maioritário, que justificam também uma atenção particular.

Nelas, podemos isolar pelo menos três subgrupos.

No primeiro, a cabeça, tão evidente nas placas recortadas, é representada como um triângulo alongado, com o vértice para baixo (na realidade, muitas vezes um trapézio muito alongado), em cujo topo, quando existe, se localizam a ou as perfurações para suspensão. Paralelamente, e de cada lado da «cabeça», surge, quase sempre simetricamente, o equivalente às pinturas ou tatuagens faciais, pelo que, na realidade, o que indiquei como a expressão gráfica da cabeça é, mais adequadamente, a definição do topo da cabeça e de dois traços que convergem para o pescoço. A outra componente deste primeiro subgrupo desta família de placas é o corpo propriamente dito, onde se desenvolvem, na horizontal, vários temas decorativos, normalmente um por placa. São eles:

1. triângulos lisos;
2. triângulos preenchidos;
3. triângulos preenchidos, incluindo outros, vazios;
4. faixas ziguezagueantes lisas;
5. faixas ziguezagueantes preenchidas;
6. faixas ziguezagueantes lisas e preenchidas;
7. linhas ziguezagueantes definidas por campos verticais;
8. quadrados ou rectângulos preenchidos e vazios, efeito tabuleiro de xadrez;
9. bandas horizontais preenchidas;
10. bandas verticais preenchidas.

O segundo subgrupo inclui um corpo segmentado na vertical, com dois campos definidos por uma separação central (um excelente exemplo, em OP-2, é o da placa da «sepultura do punhal», G.10-47, Gonçalves, 1999, p. 103, 4.45).

O terceiro subgrupo reúne as placas cuja face foi integralmente gravada, sem separação indicada entre a cabeça e o corpo.

Poderíamos ainda referir alguns outros subgrupos:

1. as chamadas «placas loucas», em que a decoração se distribui assimetricamente ou mesmo caoticamente, por vezes aparentemente sem um plano organizado. São placas que admiti «tardias», ainda que não existam argumentos definitivos a este respeito e uma análise estilística nem sempre seja suportada pela realidade;
2. as placas que incluem um espaço moldurado numa das suas faces, casos da placa de Passo 1, em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951, XXI, 19), ou o da famosa placa da Lapa do Bugio, esta em Sesimbra.

Exteriormente a estas seriações, devemos referir a existência de dois componentes muito importantes nas placas: a separação entre a cabeça e o corpo e a indicação do «fim» da placa.

O primeiro vai de uma simples linha horizontal a uma concentração de bandas horizontais (que, neste último caso, fornecem uma imagem muito acentuada do que pretendem individualizar), ou ainda pequenos triângulos em banda, normalmente preenchidos.

O segundo componente é talvez o que justifica maior diversidade de opções interpretativas e surge por vezes como grande (e único) diferenciador entre placas de outra forma absolutamente idênticas (e como exemplo poderíamos escolher as placas J.9-4I, sem banda final, e I.8-259, com uma banda de pequenos triângulos preenchidos marcando o fim da placa). Na maior parte dos casos, é uma banda muito menos alta que as que ocupam o corpo, preenchida quase sempre por triângulos.

7.5.5.2. Observações genéricas sobre as placas de STAM-3

O tamanho, as espessuras, os motivos

QUADRO 47

Quadro-resumo das dimensões das placas com descrição individualizada e com medidas possíveis.

REF	EST	MD	AT	ACb	ASC	ACr	ASB	LEP	LED	ESP	TP	Øpf	Øpv	Obs
H.8-5	1	TR+MS	12,4*	54,93	o	—	—	102,6*	61,7*	8,89	BTC	6,42	5,46	G2F
H.8-87	2	o	o	o	o	o	o	o	5,4*	7,98	BTC	6,31	3,36	
H.8-1092D		o	o	o	o	o	o	o	o	2,53	o	o	o	
I.8-119	2?	TR	o	o	o	o	o	o	o	o*	o	o	o	
I.8-155	4	TR	o	o	o	o	o	o	o	5,15	o	o	o	
I.8-223	2	o	o	o	o	o	o	o	7,5*	10,45	TC	6,13	3,79	
I.8-227	4D	TR	o	o	o	o	o	o	o	10,11	o	o	o	
I.8-235	3?	TR	o	o	o	o	o	o	o	o*	o	o	o	
I.8-247	2E	LZC	o	o	o	o	o	o	o	8,72	o	o	o	
I.8-259	1	TR	14,2	3,3	o	9,8	1,1	8,4	7,1	10,12	BC	12,64	5,79	
I.8-269	3	TR	o	o	o	o	o	o	o	3,97	o	o	o	
I.9-22	1	FZ	14,23	4,03	o	10,2	o	8,24*	6,1	9,68	TC	6,64	4,17	
J.8-77	o	o	o	o	o	o	o	o	o	2,94	o	o	o	
J.8-6882+3		TR	o	9,8	2,70	o	o	o	6,8	4,00	BC	4,94	3,96	
J.8-667	1	TR+MS	20,07	84,5	o	116,18	26,18	77,42	96,41	11,46	BC	8,23	8,08	G2F
J.9-7	4E	o	o	o	o	o	o	o	o	8,53	o	o	o	
J.9-8	4E	TR	o	o	o	o	o	o	o	3*	o	o	o	
J.9-30	2+3	LZ	o	45,29	o	o	o	o	o	5,51	BC	8,34	8,52	
J.9-4I	1	TR	12,17	3,7	o	8,35	o	6,63	5,7	5,68	BC	6,10	3,98	
J.9-962+3+4		LZC	11,9*	o	o	o	o	9*	o	8,47	o	o	o	

No caso de H.8-5, a medida indicada como altura é a actual. A altura presumida da placa original, antes de ter sido recortada e reutilizada foi estimada entre 15 e 16 cm. G2F: gravada nas duas faces. SPL: «síndrome das placas loucas».

- EST: estado, o – fragmento indeterminado; 1: inteira ou ligeiramente fragmentada; 2: fragmento do topo; 3: fragmento da área mesial; 4: base; números associados, sempre que as situações se conjugam. E: esquerdo; D: direito.
- Md: motivo dominante no corpo da placa (face) seguido pelo md no verso, sempre que se trate de uma placa gravada em ambas faces. TR: triângulos; LZ: linhas ziguezagueantes; LZC: linhas ziguezagueantes com campos verticais de compartimentação; FZ: faixas ziguezagueantes; F: Figurativo; MS: motivo especificamente simbólico; quando são referidos dois códigos, o primeiro refere-se à face considerada principal, o segundo ao verso.
- Altura (em cm, tomada na vertical, centrada, por alguns autores descrita como «comprimento»): AT – altura total:

- ACb: altura do campo considerado «a cabeça»; ASC - altura do campo considerado como separador cabeça corpo. Quando este separador se resume a uma linha, o valor é o;
- ACr - altura do campo considerado como o «corpo da placa»; ASb - altura do campo considerado terminal da placa (quando este separador não existe, o valor é o.
- Lep: largura, em cm, da extremidade proximal (a base da placa); Led: largura da extremidade distal (o topo da placa, medido no ponto de inflexão ou ruptura que define o fim dos bordos).
- ESP: espessura, em mm, medida no centro da placa.
- * medida estimada, mas considerada muito próxima da realidade ou objecto de comentário específico na descrição.

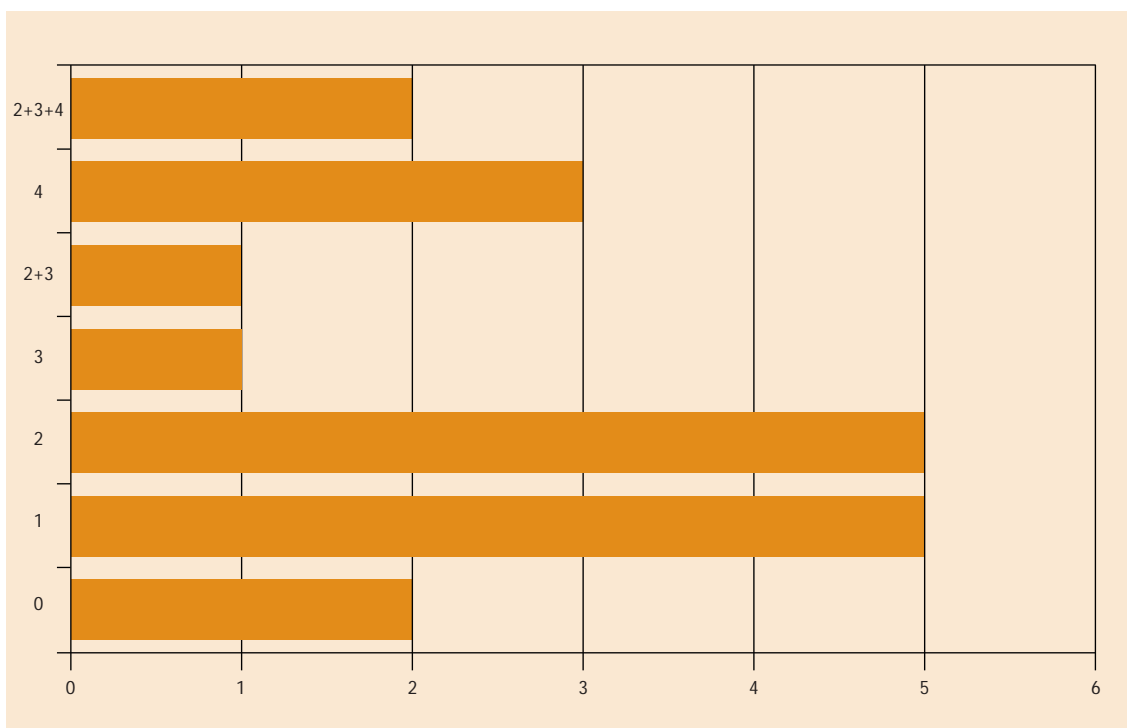


GRÁFICO 6 – Estado em que foram recolhidas as placas de STAM-3. O: indeterminável; 1: Todas as medidas possíveis; 2. fr. do topo; 3. fr. da área mesial; 4: fr. da área da base.

As primeiras leituras possíveis quanto a tamanhos, espessuras e motivos podem ser assim sintetizadas:

Tamanhos

A partir das três placas de decoração e formato normalizado e de categoria 1 – isto é: com todas as medidas legíveis com segurança, podemos verificar que as alturas das placas oscilam entre os 12,17 e os 14,23 cm, o que é uma dimensão relativamente pequena, comparada com a das placas da vizinha STAM-1. No entanto, a placa recortada J.8-667 destaca-se em STAM-3 pela sua altura bem maior que a das placas não recortadas: 20,4, quase tanto como a da maior placa do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, exactamente recolhida a poucas centenas de metros, em STAM-1 (21,5 cm, Leisner e Leisner, 1951, XXXV, 19), o que a torna efectivamente numa das maiores placas já recolhidas no Grupo.

Espessuras

Das espessuras lidas nas vinte e duas placas identificadas, retendo-se apenas as não assinaladas com *, isto é, apenas contando as que efectivamente correspondem a uma peça com as duas faces conservadas e, portanto, sem perda de espessura integralmente legível, a variação vai entre 2,53 e 10,45 mm, entre o que se pode chamar uma placa muito fina e outra francamente espessa. Mas existe uma nítida concentração de espessuras entre os 5,15 e os 10,45 mm, configurando uma situação maioritária.

Se lermos o quadro referente aos pequenos fragmentos da Câmara (p. 202-203), veremos que, dos cinco exemplares que permitiram leitura de espessura, nenhum ultrapassa o parâmetro superior (as medidas encontram-se entre 2,39 e 7,18 mm) e os números que fogem ao parâmetro inferior são medidas efectuadas sobre bordos pequenos e não ao centro da placa, situação que é naturalmente diferente em termos de espessura máxima.

Motivos

A questão dos motivos dominantes é naturalmente uma das componentes mais importantes no estudo das placas gravadas. Como se disse, ainda que atribua grande importância à cabeça da placa, considere como definidor o motivo dominante do corpo, pelo que a leitura estatística das realidades possíveis é fundamental.

Das 22 placas identificadas, algumas possuem apenas a cabeça, pelo que não contam para a estatística da Câmara. A população baixa assim para 14, sendo os motivos dominantes os seguintes:

- Triângulos: 10 (uma com motivos simbólicos no verso)
- Traços ziguezagueantes compartimentadas: 2
- Faixas ziguezagueantes: 2 (uma com motivos simbólicos no verso)

Os triângulos dominam assim o conjunto de forma impressionante, com 72%.

Mas se observarmos os fragmentos que não permitiram determinação de placa, veremos que, ainda na Câmara, se observa a seguinte distribuição:

Em 84 fragmentos, apenas 48 permitiram identificação do motivo, ainda que seja quase sempre impossível saber se se trata de um motivo do corpo ou da cabeça da placa.

Os dados em bruto permitem a seguinte distribuição:

- Triângulos: 17
- Linhas: 1
- Faixas ziguezagueantes: 7
- Triângulos ou bandas, indistinguíveis: 22
- Bandas?: 1

Considerando que a categoria «Triângulos ou Bandas» não permite comparação útil, pela indefinição que traduz, mais uma vez os triângulos se assumem como dominantes (65%). E se formos ainda mais rigorosos e suprimirmos todos os fragmentos que pertencem com maior ou menor grau de probabilidade à cabeça, teremos 8 com triângulos e apenas 1 com faixas ziguezagueantes.

As contagens para o Corredor fornecem números diferentes, mas a dimensão da população é muito menor: em 13, seis não permitem identificação, uma apresenta prováveis faixas, quatro têm bandas ou triângulos, uma com bandas ou triângulos e uma com triângulos. Mas os fragmentos são muito pequenos e mesmo estes números não são certos.

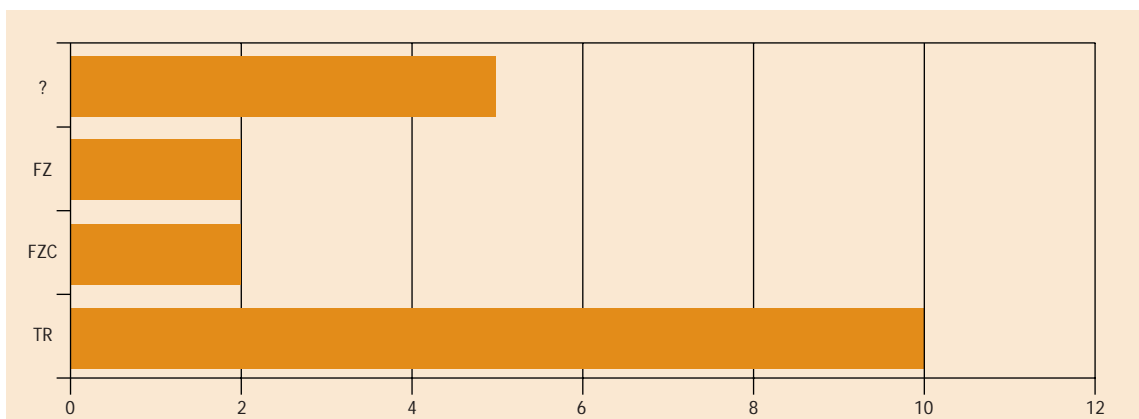


GRÁFICO 7 – Motivos dominantes nas placas de xisto gravadas recolhidas em STAM-3. TR: triângulos; FZC: faixas ziguezagueantes compartimentadas; FZ: faixas ziguezagueantes.

7.5.5.3. Nota sobre as placas de xisto gravadas

Todas com uma perfuração, centrada, confirmando o facto de se tratar de primeiras inu-
mações, se aceitarmos uma hipótese de 1992 (a este respeito, ver Gonçalves, 1992, p. 90-91).

Motivos do corpo das placas:

1. triângulos com o vértice para cima;
2. triângulos com o vértice para baixo;
3. faixas ziguezagueantes, limitadas ou não por campos traçados verticalmente;
4. por vezes, motivos desconexos ou preenchendo inadequadamente os espaços, da situa-
ção que designei por «síndrome das placas loucas»;

Placa de xisto esverdeado (serpentinito), com motivo único: «cabeça» triangular clássica,
mas preenchimento integral do topo com linhas horizontais paralelas muito próximas.

Placas relativamente pequenas, sobretudo se comparadas com as da Anta 1.

7.5.5.4. As placas de xisto gravadas do Corredor

Sobre as placas de xisto gravadas do Corredor de STAM-3, observou-se que:

1. se encontram distribuídas por altimetrias diferenciadas, praticamente desde o topo do
enchimento do Corredor (imediatamente abaixo da cobertura uniforme de pedras) até
ao presumido solo original, ou, pelo menos, muito perto dele;
2. se recolheram quatro exemplares no *Tumulus*, mas quase certamente são provenientes do
Corredor: H.8-5, a parte superior e mesial de uma placa, no exterior da área média de ECrD-1,
e os fragmentos H.8-2, 3 e 4, todos recolhidos à entrada do Corredor, à direita de ECrD-1;
3. de todos os fragmentos de placas de xisto gravadas registados, apenas H.8-5 e -87 têm
a perfuração que em muitas placas assinala a sua parte superior e que se destinaria à sua
suspensão. O número efectivo mínimo para as placas do Corredor, segundo este crité-
rio, de segurança absoluta, foi assim fixado em duas, a que se acrescentou uma terceira
(H.8-109), pela especificidade do motivo decorativo nela reconhecível;
4. parece evidente que a localização de parte destas placas poderia ser originada por remoções
efectuadas em depósitos votivos da Câmara, representando fenómenos pós-deposicionais
específicos. Esta interpretação poderia ser sustentada pelo grau de fragmentação das placas
e pela ausência de conexão entre fragmentos. Mas outras explicações poderiam ser possíveis;
5. o caso do vaso H.8-7, pelo estado de conservação verificado, dificilmente poderia ter sido
arrastado da Câmara. Neste sentido, ou acompanharia o indivíduo de que apenas se reco-
lheram dentes ou seria uma oferta fúnebre depositada no Corredor, mas em função de
um morto ou mortos colocados na Câmara. O que não parece lógico, pela sua associa-
ção espacial a um pequeno conjunto de outros artefactos votivos.

7.5.5.5. As placas de xisto gravadas do Tumulus

Certamente provenientes ou do Corredor ou da Câmara, as placas de xisto gravadas do
tumulus de STAM-3 não podem integrar uma análise independente. Um fragmento colava com
outro da Câmara, pelo que foi, por isso, incluído no conjunto referente à sua origem presumida.

Não se registou qualquer indício que pudesse sustentar a hipótese de deposições votivas no exterior do monumento, pelo que a origem dos fragmentos do *Tumulus* em revolvimentos do Corredor ou da Câmara parece ser, de longe, a única hipótese admissível neste contexto.

7.5.5.6. *As placas de xisto gravadas da Câmara*

A placa I.8-247, báculo ou placa de xisto gravada? (Fig. 84:5)

Uma questão que obviamente só se coloca quando os artefactos estão muito fragmentados, a ponto de se não reconhecer de imediato a sua forma original, e quando a decoração é demasiado ambígua para nos esclarecer sobre o seu suporte quando completo, levantou-se imediatamente (e talvez com um pouco de excesso de zelo...) a propósito de I.8-247: um fragmento de cabo de báculo ou de placa de xisto gravada?

A favor de se tratar de uma placa de xisto gravada:

1. a decoração, ainda que raríssima no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, é idêntica à de uma placa de Passo 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXI, 19), apesar de esta ter decoração no verso, e a outra de Cebolinhos 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXIV, 21);
2. o tipo de decoração identificado não é conhecido nos cabos de báculo recolhidos em Reguengos de Monsaraz;
3. o triângulo vazio no topo, de vértice para baixo, corresponde ao triângulo que representa à cabeça «dentro da cabeça», isto é: a sinalização específica, eventualmente ladeada por motivos simétricos.

Contra

1. o recorte do fragmento, lido através do bordo conservado, poderia não sugerir indiscutivelmente o formato das placas;
2. a decoração só pode ser entendida como uma decoração vertical em campos de largura muito maior que os das placas de Passo 1 e Cebolinhos 1.

A favor de se tratar do fragmento do cabo de um báculo:

1. os cabos de báculo têm frequentemente decorações específicas, pelo que esta poderia ser uma delas;
2. a forma como os bordos presentes no fragmento terminam poderiam, tal como o suave encurvamento, corresponder eventualmente a um cabo de báculo.

Contra

1. se as distribuições dos báculos no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz correspondem, ou traduzem, um padrão de chefaturas, tradicionalmente geograficamente espaçadas, STAM-3 deveria ser considerada como um dos centros funerários correspondentes a esse poder. O que não tem em apoio informação suficiente para ser considerado como seguro;
2. a orientação do fragmento é vital para se compreender a que artefacto ele pertenceu. Nas placas, a presença da perfuração para suspensão ou mesmo das decorações típicas da «cabeça», dos separadores «cabeça-corpo» ou das bandas que por vezes assinalam a base da placa, são elementos decisivos. Quando nenhum deles está presente, a interpretação apenas pode basear-se nos motivos decorativos e na sua eventual disposição. Neste sentido, a decoração dos cabos de báculo do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (dos verdadeiros báculos, e não dos pequenos artefactos com esta forma usados como pen-

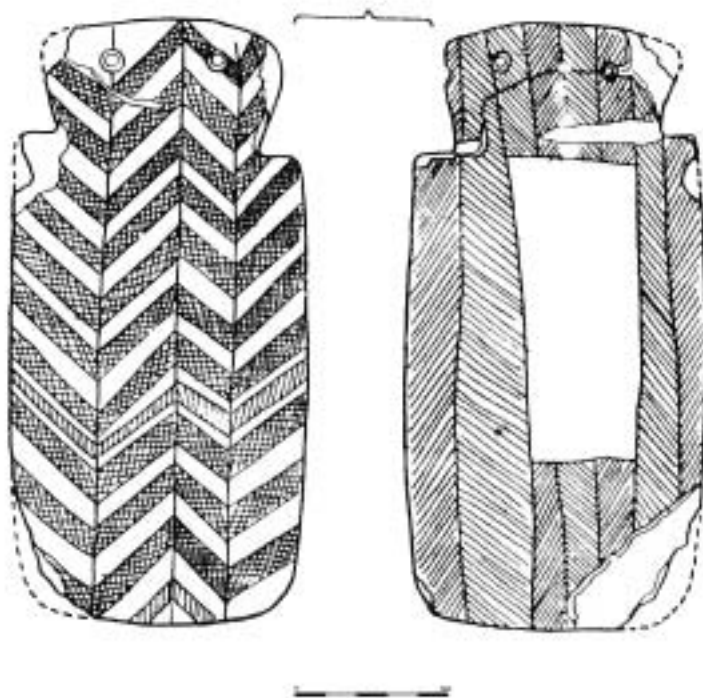
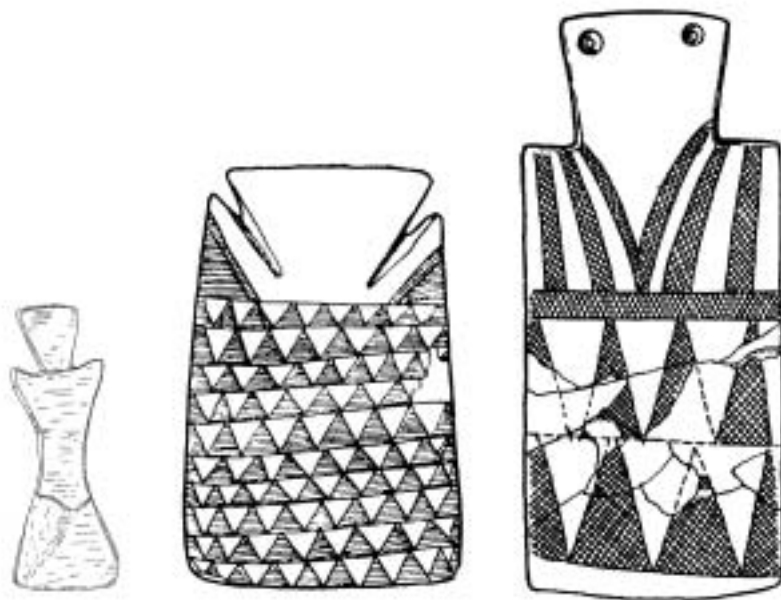
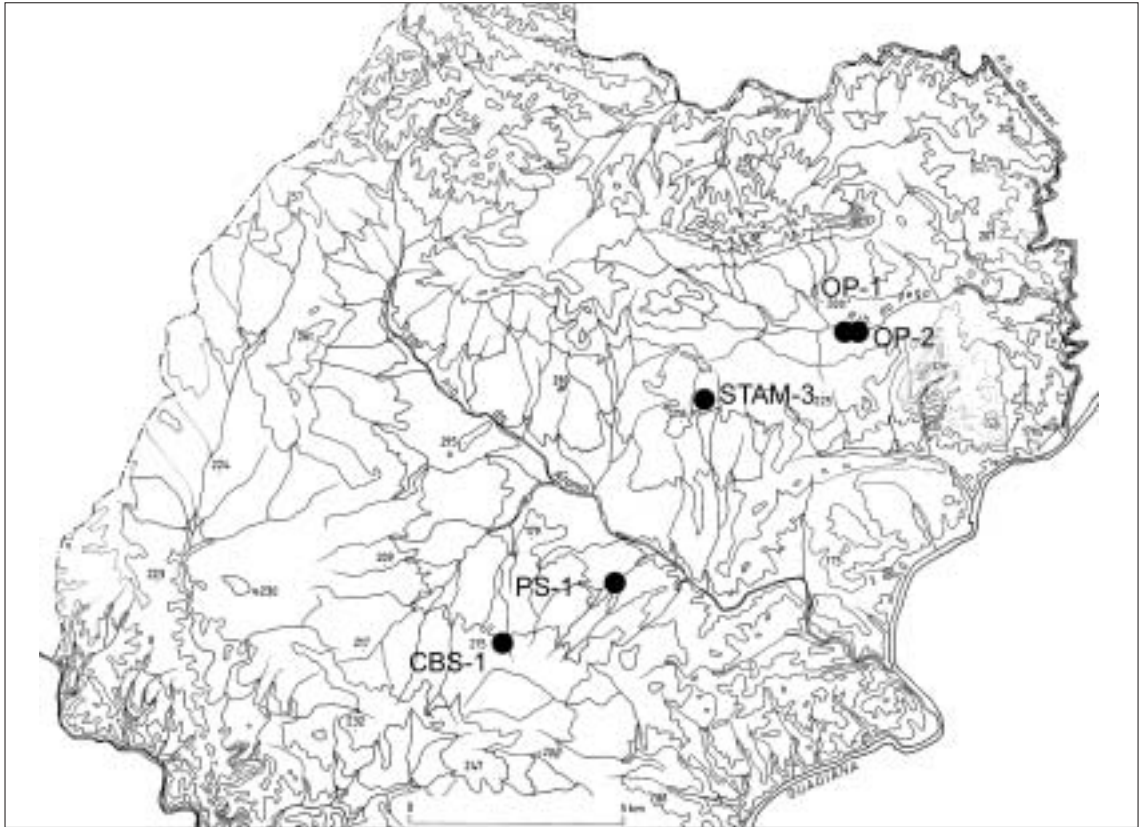


FIG. 103 – Placas recortadas do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Segundo Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1999. Em cima, o pequeno “ídolo chato” de OP-1, placa de Passo 1 e placa de Cebolinhos 1. Em baixo, as duas faces da outra placa de Passo 1.

deloques) compõe-se de combinatórias e disposições novas de elementos também presentes nas placas. São eles, na base do báculo, bandas paralelas, que definem o fim da decoração. Geralmente, horizontais. Na área mesial do cabo, e prolongando-se até à extremidade superior, triângulos com o vértice orientado para o lado, e não para cima, como acontece geralmente numa placa de xisto gravada. Por vezes, bandas acompanham, na vertical os triângulos. Esta decoração não está presente no fragmento I.8-247;



MAPA 6 – Distribuição das placas recortadas nos monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Anta 2 do Olival da Pega (34: Anta 3 da Herdade de Santa Margarida; 51: Anta 2 do Olival da Pega (*tholos* OP-2b); 103: Passo 1. OP-1 assinala a ocorrência de um ídolo «chato», de algum modo uma placa recortada miniaturizada).

Considerando as similitudes estruturais de STAM-3 com as antas Cebolinhos 1 e Passo 1, é por aí que devemos continuar.

Ora a placa de Passo 1 já referida, de algum modo uma placa única no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, apresenta-se com uma moldura que desconhecemos se não envolveria, no campo hoje liso, uma pintura idêntica à gravura da Placa do Bugio, a figura de um «ídolo chato», ou de um Jovem Deus, cuja simbologia discuti já por diversas vezes (Gonçalves, 1970, 1992, 1995b, 1999).

A finura e a disposição dos traços das placas de Passo 1, Cebolinhos 1 e STAM-3 poderiam também fazer crer que estamos realmente perante um fragmento de uma placa. O que não é certo.

E o caso da placa de Cebolinhos 1 é diferente, uma vez que os dois fragmentos dizem respeito à extremidade proximal direita e a uma parte do mesmo lado, mas da área mesial, faltando todo o resto da placa.

Resumindo: não sendo totalmente impossível que se trate do fragmento do cabo de um báculo, parece-me muito mais provável que se trate realmente de uma placa representando uma variante do tipo das recolhidas em Passo 1 e Cebolinhos 1 ou ainda a do enigmático *Tumulus* do Jeromigo (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXIX, 30), esta última com o triângulo substituído por um campo rectangular vertical, mas também vazio.

De novo, J.8-667

É inevitável que se regresse, aqui e ali, a J.8-667, uma vez que a especificidade de esta placa largamente o justifica.

Se observarmos a distribuição das placas recortadas nos monumentos de Reguengos de Monsaraz (Mapa 6), verificamos que em ambos subgrupos se encontram presentes formas recortadas.

No caso de OP-2, a única placa recortada pertence a Variante dos ombros finamente incisos, quase mais sugeridos que indicados (Gonçalves, 1999, p. 109).

No caso de Cebolinhos 1, também uma única placa recortada, desta vez da Variante dos ombros direitos (Leisner e Leisner, 1951, XXXIV, 7). Apresenta uma paginação específica, com um «cinturão» que cria uma imagem antropomórfica ainda mais forte.

Passo 1 evidenciou duas placas (Leisner e Leisner, 1951, XXI, 5, 19), de Variantes distintas, uma de ombros direitos e outras de bordos oblíquos. Não são placas tradicionais no sentido mais restrito do termo, apresentando uma delas uma moldura definindo um espaço vazio, onde eventualmente teria estado pintado um motivo. O preenchimento da superfície oposta foi feito com um campo de ziguezagues que cobre a totalidade do espaço disponível, sem reserva para a «Cabeça». Na outra, a gravação do «Corpo» pára, de forma a que a «Cabeça» e os «Ombros» tenham definição própria.

Sob o ponto de vista formal, estas placas compartilham componentes da simbólica que são comuns a muitas outras e alguns outros, recriados e reconstruídos para adquirem ou novos significados ou significados mais explícitos.

Nesta perspectiva, a placa de Cebolinhos 1 representa o melhor exemplo possível, uma vez que todos os seus componentes simbólicos são comuns, mas ganham aqui um significado específico e novo:

1. as perfurações são afastadas, de forma a simularem os Olhos;
2. as faixas oblíquas, que ladeiam o triângulo que representa a «Cabeça dentro da Cabeça», descem, para marcar a conexão entre os ombros e o «cinturão»;
3. duas delas convergem em V, passando a representar o colar da Deusa, tão evidente na placa de Alcobaga e na de Cabacinheiros;
4. a faixa separadora Cabeça-Corpo desce também, transformando-se no cinturão;
5. duas bandas de triângulos convencionais, com os vértices para cima, concluem a gravação da única face decorada desta placa.

Quanto a primeira observação, vale a pena sublinhar que, das 19 placas com topo conservado recolhidas na Anta 1 dos Cebolinhos, quatro não têm perfuração para suspensão, 11 tem apenas uma perfuração, centrada, e quatro têm perfuração dupla. Destas, a única que apresenta um afastamento grande das perfurações é justamente a placa recortada, o que reforça o que se escreveu.

O recorte das placas funciona assim, evidentemente, como um potencializador da carga antropomórfica subtilmente escondida nos motivos geométricos. É uma situação rara, mas não é por isso que pode ser evocada como uma situação «diferente». O facto de ser estatisticamente minoritária não implica que estas placas representem efectivamente a Divindade e as outras não, o que seria completamente absurdo, se tomarmos em conta todos os partilhados componentes da simbólica.

7.5.5.7. Placas e deposições funerárias

A questão da correspondência entre o número de indivíduos inumados e o daqueles que seriam acompanhados por placas de xisto gravadas nunca foi resolvida e duvido que alguma vez o seja em termos absolutos. Com efeito, para as dezenas de indivíduos depositados na Cova das

Lapas (Alcobaça), apenas se registou uma placa claramente associada a uma deposição funerária muito específica. Para a gruta de Alapraia 2 (Cascais) a desproporção é também muito grande. No caso da «camada vermelha» da Lapa do Fumo (Sesimbra), a situação é idêntica. Na Lapa do Bugio, também em Sesimbra, num total de dez sepulturas só seis tinham placas.

STAM-3 surge com uma população, lida através dos dentes recuperados, de 12 adultos e 16 subadultos, o que perfaz 28 indivíduos. Se de este número retirarmos os três indivíduos indiscutivelmente de segunda fase, de uma época em que as placas estariam já esquecidas nos contextos funerários e mágico-religiosos, teríamos 9 adultos e 16 subadultos.

Para este número de deposições, 25, teríamos 11 placas de reconhecimento imediato, que representam (por estarem inteiras ou quase, ou pela especificidade diferenciadora dos motivos principais) uma população extensível (pelos fragmentos individualizados como tendo pertencido a outras placas) e ainda um mínimo de mais onze, o que corresponde exactamente a vinte e dois indivíduos, um número muito superior ao do total de deposições funerárias de adultos em STAM-3, se esquecermos os três indivíduos de finais do III milénio, que não seriam portadores de placas.

A aceitarmos como pacífica esta situação, *todos os homens, mulheres e subadultos da primeira fase de STAM-3, sem qualquer distinção de sexo ou idade, poderiam ter sido acompanhados por placas gravadas*. As três placas que faltam poderiam ter correspondência nos múltiplos fragmentos que não forneceram leitura identificante, ou terem sido perdidas aquando das violações pré-históricas e medievais. *Também poderíamos supor que três subadultos, um com <3 meses, outro com +- 3 meses, outro com +- 6 meses, poderiam não ter sido acompanhados por placas, devido à sua baixa idade, mas trata-se apenas de uma hipótese, de verificação rigorosa impossível neste contexto* (Ver Quadro de idades dos subadultos no estudo em anexo sobre Antropologia funerária).

Como a equipa de Eugénia Cunha refere adiante, a determinação do número de indivíduos foi feita através de dois métodos distintos, tendo, impressivamente, o resultado final sido próximo (um total de 25, lido a partir dos ossos longos, contra 28, lido através dos dentes). Não estou tão certo a propósito do número de placas, mas creio que a margem de erro, a existir, é mínima.

Confrontados estes dados com os obtidos para a primeira fase de uso do *tholos* OP-2b, temos, na mesma região, duas situações bem distintas, uma vez que, no *tholos*, o número de indivíduos é muito superior ao das placas, admitindo-se, antes do estudo antropológico, um número de cerca 120 indivíduos (com a expectativa de a análise antropológica fazer crescer consideravelmente esta estimativa) para apenas três placas.

Claro que a questão não é sequer alargável aos outros monumentos do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, com placas em grande número, nomeadamente OP-1, o mesmo acontecendo mesmo com a segunda fase de uso de OP-2b, aqui um número dificilmente utilizável em absoluto, uma vez que a contagem dos indivíduos ser neste caso impossível, devido à inexistência de ossos humanos conservados associados (ou não) a placas.

Pode afirmar-se, para a generalidade dos monumentos colectivos da primeira metade do III milénio, que o número de deposições fúnebres, sempre que elas foram realmente quantificadas, é de longe superior ao das placas. Mas, em STAM-3, tal não se verifica de forma indiscutível.

Por outro lado, não é impossível que hipogeus, como Monte Canelas, ou grutas artificiais como Carenque ou Casal do Pardo, possam ter tido um *primeiro momento* sem placas e um *segundo* onde elas já existiam como parte integrante do complexo mágico-religioso. Parece clara a anterioridade, ainda não quantificada precisamente, de várias grutas artificiais em relação aos *tholoi*, o que justificaria a desproporção indivíduos – placas, uma vez que a primeira fase das deposições funerárias poderia ser anterior e a segunda contemporânea dos *tholoi* e do uso e reuso de monumentos ortostáticos como Xarez 1, OP-1, OP-2 e, naturalmente, STAM-3.

Para STAM-3, consideram-se contabilizadas como unidades identificadas a 100%, por se encontrarem inteiras ou quase, ou por possuírem ainda o topo perfurado, as placas:

1. H.8-5 (topo esquerdo com motivos de «placa louca» e verso com tatuagens e motivo *escutiforme*), Corredor;
2. H.8-87, Corredor;
3. I.8-223, Câmara;
4. I.8-259 (motivo dominante: triângulos e uma banda de fim, com outros de menor dimensão);
5. I.9-22 (faixas zigzagueantes);
6. J.8-667 (placa recortada);
7. J.8-688;
8. J.9-7;
9. J.9-30;
10. J.9-96+36;
11. J.9-41 (triângulos simples).

Também se referem a placas individuais alguns fragmentos de dimensão e motivos significativos como:

1. H.8-109, Corredor;
2. I.8-119+ J.9-9;
3. I.8-155+149;
4. I.8-227;
5. I.8-235+I.8-148;
6. I.8-247;
7. I.8-269+ I.8-2;
8. J.8-77;
9. J.8-576+J.9-82+H.8-30 [Corredor]+I.8-11;
10. J.9-6;
11. J.9-8+ H.10-1.

Os pequenos fragmentos estão provavelmente conectados às dezenas de minúsculos outros fragmentos, recolhidos sobretudo no vortex das violações medievais do monumento, ainda que a tarefa da reconstrução se tenha verificado impossível ou quase.

Estamos assim perante uma realidade verdadeiramente única, tanto no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz como no Ocidente peninsular. O que, naturalmente, nos impede outras generalizações, particularmente considerada a especificidade da situação e as dificuldades comparativas com outros monumentos ortostáticos onde se não recolheram restos humanos datáveis.

7.5.5.8. As placas de xisto reaproveitadas

O reaproveitamento de placas provavelmente recuperadas no mesmo monumento (ou em outros, é impossível sabê-lo) é um fenómeno bem documentado para o *tholos* OP-2b, em Reguengos de Monsaraz, e também em outros monumentos, quer ortostáticos quer de falsa cúpula.

Em STAM-3, a placa J.9-30 é um dos exemplos possíveis para esta situação, ainda que não tão óbvia aqui como em OP-2. De qualquer forma, o polimento dos novos bordos direito e esquerdo exemplifica o cuidado que presidiu a estes reaproveitamentos. O mesmo se passa, como vimos, com H.8-5.

7.5.5.9. Placas, formas, símbolos e estilos

Uma das questões colocadas imediatamente após o início do estudo comparativo das placas de Reguengos de Monsaraz em geral, e das de STAM-3 em particular, em função das recolhidas em outros grupos megalíticos do Centro e Sul de Portugal, reside em descobrir, ou pelo menos discutir, as razões da sua similitude.

Quando comparamos placas do Grupo Crato-Nisa com algumas de Reguengos de Monsaraz, não é difícil aceitarmos a existência de oficinas de fabrico, que difundiriam, por distintos grupos, placas fabricadas num único local ou pelo mesmo grupo restrito de pessoas.

Também as semelhanças entre placas alentejanas e outras, das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, poderiam ter como sustentáculo a rota de trocas das rochas duras alentejanas pelo sílex do litoral.

Mas o fenómeno é mais generalizado do que estas situações permitiriam supor e elas não são suficientes para o explicarem satisfatoriamente.

O único suporte explicativo para este uso generalizado e para a presença de padrões decorativos e simbólicos idênticos, reside na existência de um complexo mágico-religioso, um sólido subsistema, que foi partilhado numa área específica do Ocidente peninsular, do litoral atlântico até Badajoz e Huelva. A Norte, em Salamanca, os fragmentos de placas traduzem aparentemente um epifenómeno importante, mas sem significado numérico que permita estatuto idêntico.

Ainda a propósito das similitudes entre placas encontradas em sítios distintos, temos um excelente exemplo no triângulo com o vértice para baixo, preenchido apenas com traços verticais convergentes para o vértice, da placa recortada J.8-667. Trata-se mais propriamente da face da placa, na área do corpo, Banda I, Campo II. Poderia ser inocentemente interpretado como um simples triângulo com o vértice para baixo (no entanto muito menos frequente que os triângulos com vértice para cima), cujo preenchimento em quadrícula não foi completado. Mas basta ver a maneira caótica e desordenada com que é feita a maioria das quadrículas de preenchimento de triângulos de J.8-667, para se perceber que qualquer coisa de diferente pode estar aqui representado. Esta leitura, porventura demasiado «impressionista» para determinadas ópticas neo-científicas, é no entanto reforçada pelo facto de o mesmo motivo estar gravado no verso da placa F.13-22, proveniente do *tholos* OP-2d, onde aparece, em duplicado, no topo com o vértice para cima, na base com o vértice para baixo (Fig. 108). E na única placa de xisto gravada de Pragais, Porto de Mós, a mais de duas centenas de km de distância, temos, na banda 2 da face, um primeiro triângulo apenas preenchido por oblíquas. Numa face que inclui 13 triângulos, é o único que não tem preenchimento em quadrícula (no verso de esta placa, também gravado, contam-se 18 triângulos, todos preenchidos por quadrícula). Talvez neste caso se possa falar de distração do gravador, mas não é esse certamente o caso de STAM-3 e OP-2d, onde este motivo está integrado num contexto iconográfico muito complexo e bem definido, no primeiro caso, e absolutamente identificado com simbolismos isolados dos restantes, quase indecifráveis aliás (agradeço a Ana Catarina Sousa a amabilidade de me ter facultado imagens da placa de Pragais, que serão brevemente incluídas no seu estudo sobre aquele enigmático sítio).

7.5.5.10. O conceito operativo de «paginação»

O conceito operativo de paginação parte de um pressuposto verificado na esmagadora maioria das placas de xisto gravadas: o suporte, a placa de xisto aparada e polida, foi previamente dividido em duas categorias de áreas específicas:

1. áreas funcionais activas, a nível da simbólica, verdadeiras organizadoras do espaço significante;
2. áreas concebidas como campos auxiliares de gravação, formas práticas de enquadrar ou construir os motivos decorativos.

Por áreas funcionais activas entendem-se as correspondentes

1. à Cabeça;
2. ao Corpo;
3. ao separador Cabeça – Corpo;
4. ao separador «de fim de placa».

Por campos auxiliares de gravação entendem-se:

1. os traços horizontais para enquadramento dos triângulos, formando bandas;
2. os traços verticais para organização das faixas ou linhas ziguezagueantes do Corpo das placas.

Estas categorias correspondiam quer a uma imagem preexistente na mente do artesão, sobre o que queria representar, quer à melhor maneira de programar o aspecto final da placa. Foram marcadas, por vezes, com traços específicos e gravadas ordenadamente de acordo com o preenchimento de campos livres ou com «linhas de ajuda», *guide lines*, produzindo *campos compartimentados*, particularmente úteis no caso das linhas ou faixas ziguezagueantes.

No entanto, algumas advertências devem ser feitas.

Em primeiro lugar, existem algumas poucas placas de xisto gravadas em que foram usados outros procedimentos. Tal é o caso, por exemplo,

1. das placas com simetria radiante, onde a superfície do suporte é tratada como um todo, sem diferenciações funcionais;
2. das placas com campos diversificados, horizontais, intercalados entre as bandas que compõem o Corpo. Parecidos com os delimitadores Cabeça – Corpo, ou de fim de placa, são, na realidade, campos alternativos aos principais, distribuídos por entre eles. Existem alguns excelentes exemplos nos conjuntos inéditos provenientes dos arredores de Évora;
3. das placas totalmente (ou quase) cobertas por uma simbólica antropomórfica. É a situação da placa das Grutas de Alcobça, onde alguns triângulos simbólicos se referem à sua filiação, mas o motivo quase total é a figura antropomórfica com colar (Gonçalves, 1978);
4. das placas cuja superfície foi inteiramente coberta por motivos desordenados, ainda que dispostos de forma vagamente simétrica e, por vezes, mesmo compartimentados por traços de apoio horizontais. Neste caso, porém, existe frequentemente uma paginação, ainda que grosseira e irregular.

A diversidade das possibilidades não exclui, porém, a unidade dos conjuntos.



FIG. 104 – Placa da Anta Grande da Comenda da Igreja. A desordem aparente da gravação é moderada pela estruturação de paginação subjacente. Alt: 12 cm.

Estes elementos, que listei acima, são componentes de uma situação muito concreta e, em grande parte, pragmática: é muito mais fácil organizar um campo de ziguezagues ou de faixas ziguezagueantes se ele se articular, nos pontos de ruptura, com traços verticais, verdadeiras *guide lines*, do que usar apenas um campo único aberto. Neste caso específico, a paginação da pequena placa com perfurações transformadas em Olhos de Sol, de OP-2, é exemplar.

A paginação de uma placa de xisto gravada é assim um acto prévio e a recuperação dos seus momentos sequenciais deve ser entendida como uma pista excepcional para uma aproximação à sequência operativa usada pelo gravador. A «síndrome das placas loucas» isola-se exactamente como resultando de uma acção integrada num plano geral. No caso da placa H.8-5 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, a decomposição do processo de gravação é indispensável para se entender a «síndrome» como resultando de um acto intencional e não de um erro de artesão.